João Luís Dias

Antes que o tinteiro entorne

(Crónicas)

EDIÇÃO
CALIDUM

Crónicas, que são? Pretextos,
ou testemunhos?

José Saramago

Antes que o tinteiro entorne

(Crónicas)

Esta obra foi patrocinada por:

- Câmara Municipal de Terras de Bouro
- Urbanop - Urbanizações e Obras Públicas, Lda.
  Moimenta - Terras de Bouro
- Vilavale - Turismo no Espaço Rural, Lda.
  Valdozende - Terras de Bouro
- ACF - Arlindo Correia & Filhos, S.A.
  Ferreiros - Braga

João Luís Dias

Antes que o tinteiro entorne

(Crónicas)

Prefácio de *Agostinho Moura*

EDIÇÃO
CALIDUM

TERRAS DE BOURO • 2003

Título Antes que o tinteiro entorne
(Crónicas)

Autor João Luís Dias

Edição *CALIDUM* - Clube de Autores Minhoto/Galaicos
4840-100 Terras de Bouro
E-mail:clubdeautores@clix.pt
www.calidum.com

Depósito Legal 190019/03

Data de saída Fevereiro de 2003

Tiragem 1000 Exemplares

Execução Gráfica Graficamares, Lda.

João Luís Dias

Nasceu em 1963 em Terras de Bouro, onde reside. Completou os seus estudos no Liceu Nacional Sá de Miranda, em Braga.

É funcionário dos Registos e do Notariado, exercendo funções de Ajudante, substituto legal de Conservador-Notário.

É autor e editor das obras literárias "Ecos dum silêncio" - 1988 e "Sonho em hora de ponta" - 1992, ambas de conteúdo poético.

Foi colaborador das rádios "RFM - Rádio Renascença" - Lisboa e "Voz do Neiva" - Vila Verde e dos jornais "Correio do Minho" - Braga, "Vilaverdense" - Vila Verde e "Geresão" - Terras de Bouro, Amares e Vieira do Minho. Deste é hoje redactor.

Foi fundador das associações culturais "Deburicis - Clube de Arte e Recreio" e da "Calidum - Clube de Autores Minhoto/Galaicos". Desta é desde o seu início presidente da direcção.

Foi secretário-geral e mais tarde presidente da Assembleia-Geral do Grupo Desportivo de Terras de Bouro e elemento do Comando dos Bombeiros Voluntários de Terras de Bouro.

Foi presidente do Conselho Consultivo da Escola Padre Martins Capela, de Terras de Bouro.

Foi vencedor dos "1.os Jogos Florais de Terras de Bouro" - modalidade literária e do concurso "Esta Terra de Boyro" - modalidade de teatro.

Em 1999, pelos seus envolvimentos culturais, foi homenageado pela Câmara Municipal de Terras de Bouro, na pessoa de Sua Excelência o Secretário de Estado da Administração Local.

Recebeu um Louvor Militar, pelo Regimento de Cavalaria de Braga, aquando do seu serviço militar obrigatório.

Tem no prelo o romance "O piar da coruja", a editar brevemente.

A paisagem do Minho é ainda o seu maior fascínio. A vida continua a ser a sua grande motivação.

À GUISA DE PREFÁCIO...

Não foi fácil, de início, obter os valiosos préstimos do João Luís para o quadro dos colaboradores do *Geresão*. Com a lisura e a cortesia de trato que se lhe reconhecem, ele foi-se esquivando sempre, de forma subtil e arguta, ao insistente convite, sem nunca porém, nos ter dado a sensação de "fechar a porta" de vez e irreversívelmente. Por isso, e sempre que havia oportunidade para tanto, repetía-mos a instância, sem deixarmos de lhe recordar que, a manter-se a sua indecisão, não era apenas o jornal a ser penalizado mas, principalmente, o concelho de Terras de Bouro que ele, até em prejuízo pessoal e profissional, não tem trocado por coisa alguma.

O tempo foi decorrendo normalmente até que um belo dia, e de forma verdadeiramente inesperada, o João Luís, por via telefónica, dava-nos a grata notícia de, finalmente, ter decidido passar a colaborar habitualmente no nosso jornal, vindo desse modo, reforçar substancialmente o já de si valioso e dedicado naipe de colaboradores.

E foi assim que, a partir de Janeiro de 1997, o *"Antes que o tinteiro entorne"* passou não só a fechar, de forma ininterrupta e atraente, todas as edições do *Geresão*, como a ser uma das secções mais apreciadas pelos seus leitores. Foi, sem dúvida alguma, uma aposta duplamente ganha!

Sem subterfúgios, logo na sua primeira crónica, curiosa e oportunamente intitulada *"Já que me permitem"*, João Luís Dias anunciou o que queria e ao que vinha:

"Inicio agora a minha colaboração neste jornal, pois entendi que é legítimo a um órgão de informação da minha terra «exigir-me» tal contributo, pelo facto, tão só de ao longo de muito tempo ter vindo a participar com os meus escritos em vários jornais, e, por falta de oportunidade, ainda não ter oferecido um pouco do que, modestamente, poderei ser capaz de dizer em prol de uma região da qual sou oriundo e orgulhoso de o ser".

Dado tal mote, de forma espontânea e sincera, nas crónicas de João Luís Dias, ao longo destes seis anos, não sabemos o que mais admirar: se a perspicácia e a pertinência dos temas e problemas nelas apresentados, se a graciosidade e o humor requintados, expostos em muitas delas ou o seu discurso burilado e inconfundível porque pisado e repisado no almofariz da estilística mais pura.

Mais ainda: se tais crónicas outros méritos não tivessem - que os têm, de certeza, e sobejamente! - vinham comprovar, à saciedade, que o seu criterioso autor, numa evolução da sua produção literária que se saúda e aplaude, deixou de se remeter tão somente aos domínios sempre fascinantes da poesia, de resto exuberantemente expressos em *"Ecos dum silêncio"* (1988) e em *"Sonho em hora de ponta"* (1992), para se estender também, de modo escorreito e exemplar, aos não menos sedutores e valorosos territórios dos prosadores exímios, de que ele se revela um talentoso representante.

Em boa hora, pois, decidiu João Luís Dias dar forma de livro a esta mão-cheia de crónicas publicadas, nos últimos seis anos, no *Geresão*. É que, conforme é consabido, a vida dos jornais é efémera, de um modo geral. No dia seguinte ao da sua publicação, "são para embrulhar peixe", como diziam os velhos tipógrafos, convencidos como estavam de que um jornal morre poucas horas depois de ter sido dado à luz.

Dessa maneira, além de se garantir, mais eficazmente, a preservação destes belos nacos de prosa que retratam, na perfeição, vivências e experiências do quotidiano, constitui-se como que um legado que o seu autor, como excelente observador que demonstra ser, oferece desinteressadamente aos vindouros.

Encontra-se, portanto, e a todos os títulos, de parabéns o autor desta obra que vem enriquecer, sobremaneira, o já considerável número de publicações editadas pela CALIDUM - Clube de Autores Minhoto/Galaicos de quem João Luís Dias é, aliás, o seu prestigiado e dinâmico presidente da Direcção.

Agostinho Moura

(Director do *Geresão*)

À memória de meu pai

Já que me permitem

Inicio agora a minha colaboração neste jornal, pois entendi que é legítimo a um órgão de informação da minha terra "exigir-me" tal contributo, pelo facto, tão só, de ao longo de muito tempo ter vindo a participar com os meus escritos em vários jornais, alguns dos quais de concelhos limítrofes aos nossos e, por falta de oportunidade, ainda não ter oferecido um pouco do que, modestamente, poderei ser capaz de dizer em prol de uma região da qual sou oriundo e orgulhoso de o ser.

Será, pois, da minha parte um dever e um gosto muito especial, se aliar ao que referi o facto do "Geresão" ser hoje um jornal regional com envergadura que sobeja e de mim nada mais pretender que não seja dar voz a um conterrâneo que tem na palavra escrita uma intenção e anseio que com todos pode compartilhar num espaço deste jornal. Pesou ainda o facto de ter consciência, desde sempre, da importância da imprensa regional no desenvolvimento a vários níveis de uma região, pois pode quebrar o seu isolamento, o qual se traduz, tanta vez, em esquecimento, empobrecimento... e, consequentemente, na procura desenfreada de alternativas das suas gentes em outras terras. Fuga essa que contribui, irremediavelmente, para a desertificação das nossas aldeias, que tanto custa ver morrerem a fogo (já nada) lento!

Colaborar neste jornal será também contribuir de alguma forma no transporte periódico da voz e do quotidia-

no de uma região, de encontro aos que por ausência de alternativas se transferiram e aí se fixaram, levando e mantendo consigo a nostalgia da sua terra, famílias, amigos e, essencialmente, uma forma saudável e despreocupada de estar na vida, forma essa peculiar das gentes das pequenas terras e, por isso, enormes nas raízes que cimentam...

Um jornal, independentemente da sua dimensão, pode, naturalmente, trespassar fronteiras e ir ao encontro de todos os ausentes, levando consigo um pedaço daquilo que deixaram, suscitando assim um elo de ligação e afecto às suas origens.

Para os que teimam em permanecer, um jornal regional alerta, desperta e mantém o equilíbrio entre gentes e motivações.

Sexta-feira, oito

Hoje, ao jantar, pensava num tema para explorar na crónica que regularmente ofereço. Estava cansado, pois dediquei duas horas, no fim da tarde, às rotinas de limpeza do meu automóvel. É sexta-feira, dia do ano consagrado à mulher (como se fossem leprosas, ou qualquer coisa do género); último dia de Mário Soares na Presidência da República; último dia útil da semana; um dia depois do festival RTP da canção. Vi ainda, nesta sexta-feira, dois dirigentes do futebol espanhol a agredirem-se a soco e a apelidarem-se de "hijo de puta", "cabrón", "monte mierda"... perante a colheita de imagens de uma televisão. É assim mesmo!... Ali, qual conselho de arbitragem, qual carapuça! Trocam-se uns socos e acaba o assunto. E que viva la España!

Hoje, ao jantar, quando pensava... tudo se me brindou! Que motivos queria mais?!...

Comi apressado, nem esperei pelo *esgana-gato* que normalmente bebo como digestivo. Não podia perder uma só frase que alinhavei durante o repasto. Era tal a pressa que as lulas que comi me pareciam polvos!

Já sentado em frente ao *engenho informático* (finalmente dou tréguas ao calo que me desclassifica o dedo da mão direita, de tanto ter escrito à mão), apronto o *Word* e inicio pelo título a prometida crónica.

Para meu espanto, emperrei! Não havia forma de iniciar o primeiro parágrafo. Pensei na mulher, no Presiden-

te, nos dirigentes do futebol à pancada... mas continuava parado, apalermado, com a minha falta de inspiração. Quase que desistia. Como era possível tudo se me varrer numa fracção de instante!

Peguei no pequeno rádio que já esquecia na gaveta da secretária. Depois de lhe trocar as pilhas com as da calculadora que me ofereceram no aniversário, liguei-o e ouvi o primeiro tema musical: canção vencedora do festival RTP da canção. Terminada, o locutor lembrou os autores da letra e música. Não ouvi o nome da Rosa Lobato Faria! Talvez um lapso de memória do locutor, que a seguir iria reparar e desculpar-se, pensei. Mas não; a poetisa de serviço aos festivais tinha sido mesmo destronada! Tinham acabado assim as belas graças das nossas canções no eurofestival!... Que chatice!!! Mas eu ganhei um motivo para escrever.

Quem sai aos seus!...

Prestava o serviço militar. Depois de ter desistido do Curso de Formação de Sargentos, achei que não teria vocação para a carreira. Tinha voltado, por isso, ao quartel onde tinha iniciado pela recruta. Era um Regimento de Cavalaria. Porque os cavaleiros são extremamente briosos, também eu cuidava rigorosamente do meu aspecto: botas sempre bem engraxadas, cabelo cortado a rigor (pelo menos no cachaço e por cima das orelhas – a boina escondia o resto), o nó da gravata cuidadosamente elaborado e a barba sempre bem cortada; a cara teria de parecer a de um santo de altar. Em relação a este último pormenor, estava mais confortado do que os meus camaradas. Pois, enquanto eles tinham de, diariamente, raspar a cara com a lâmina para eliminar um único peleiro que fosse de barba, a mim bastaria fazê-lo de três em três dias. Nunca fui muito abonado dessa espécie!

Um dia, havia festa no Regimento. Os novos recrutas iriam *jurar bandeira* e, por isso, o Comandante da Região Militar iria presidir à cerimónia. Nos dias que antecederam, os treinos e recomendações não se fizeram esperar; cheguei a dar vinte e quatro voltas a marchar em redor da parada e a estar duas horas à espera de vez para o barbeiro. Tudo estava a ser preparado para uma vez mais o Regimento sair prestigiado e com a "cagança" que todos esperavam.

O dia da cerimónia tinha começado numa correria logo

pela manhã. Na caserna toda a gente procurava o espelho para se barbear. Aquela era uma rotina, mas acrescida de responsabilidade. Eu, como tinha desfeito a barba no dia anterior, apenas tive o cuidado de dar uma engraxadela nas botas e verificar o nó da gravata. Senti estar completamente aprumado.

Já na formatura, esperava em *sentido* a tradicional revista às tropas. O nosso Comandante, acompanhado pelo Comandante da Região Militar, ao passar em frente a mim parou e, com voz áspera, perguntou-me porque não tinha tido a decência de desfazer a barba naquele dia. Ao que eu prontamente respondi:

- Meu comandante, não a desfiz porque não a tenho; na cara saí à minha mãe.

O Comandante sorriu, deu-me uma leve bofetada e continuou a revista.

As gravuras de Foz Côa

Aproveitando um feriado em véspera de fim-de-semana, prolongado por uma *ponte*, consegui improvisar umas curtas férias inesperadas, em pleno mês de Agosto. Havia então que organizar um programa para aquele período.

Pensei nas praias do sul, nas terras áridas do Alentejo, nas paisagens fabulosas que se desfrutam de uma qualquer serra ou montanha. Pensei ainda numa viagem pela história... visitar castelos, palácios, mosteiros, igrejas, pontes, pelourinhos, museus... Cansei só de pensar! É difícil escolher, quando a oferta é tão farta!

Peguei no mapa de estradas, corri-o, perdi-me... adormeci. Acordei mais tarde com o noticiário na rádio, que terminou com uma sugestão para o fim-de-semana: uma visita ao Parque Arqueológico do Vale do Côa. Nem de propósito! Estava encontrado o programa que tanta canseira me tinha dado a escolher.

A arte rupestre sempre me fascinou. É um pedaço da história que dispensa a crónica emocionada, e por vezes desmedida, dum então servidor da Corte. Num risco *lê-se* o que interminadas frases não conseguem dizer. Sensibilizou-me a coragem de quem as não deixou afogar!...

Subi o Douro, nas margens inventei diálogo com as suas ninfas. Perdi-me nos encantos das vinhas que ao sol bronzeavam. Na Régua vi os barcos rabelos baloiçar no rio. Senti o fresco de Mesão Frio. Dormi em Lamego, sob

a protecção de Nossa Senhora dos Remédios. Desviei a Mirandela e conheci umas das cidades mais cuidadas que já vi. Cheguei, finalmente, a Vila Nova de Foz Côa.

Tinha acabado de percorrer um considerável número de quilómetros. Justificava-se aquela longa viagem, pois iria olhar e seguir meticulosamente os traços das gravuras dos nossos antepassados. Nunca o passado esteve de mim tão perto!

Dirigi-me, então, à sede do Parque no centro da vila. Pedi informações... e quando encomendada a visita responderam-me que só dali a uma semana a poderia realizar; os guias e transportes do Parque não chegavam para as *encomendas*.

Consolei-me a olhar as gravuras estampadas em camisolas que lá se vendiam e num folheto que, gratuitamente, me distribuíram.

Bombeiros, vivam!

Pertencia à corporação de Bombeiros de Terras de Bouro. Era um dos elementos do comando. Por ser muito jovem, a corporação ainda não estava dotada de bons meios de instalação, de transporte e mesmo de combate a incêndios. Existiam apenas um pequenino espaço de aquartelamento improvidado, um jipe *todo-o-terreno* e algum equipamento rudimentar de combate. Apenas os homens tinham todos os elementos necessários para exercer aquela missão: coragem, espírito de sacrifício e uma vontade inigualável de defender do fogo os montes e florestas. Cheguei a emocionar-me com a mistura de ternura e raiva que depositavam na sua árdua tarefa. Só as chuvas fortes superavam a sua eficiência!

Um dia a corporação foi chamada para combater um incêndio que deflagrava numa floresta. Era domingo, de tarde, e o calor estava insuportável. Os raios de sol doíam no peito, aberto pelo desabotoado da farda, mas sem conseguir demover a vontade de correr por entre arbustros e fumo. O cheiro a eucalipto e cedro queimados era tal, que deveria superar o da nuvem de ópio que se *snifa* no inferno!

Depois de horas de luta contra as chamas, quando já o cansaço e sede começavam a querer vergar a resistência dos *combatentes* e o calor lhes queimava e gretava o rosto, o incêndio foi vencido e eliminado. O rescaldo foi realizado pelos populares, que agora respiravam de alívio e de

contentamento. Não paravam de elogiar a coragem e espírito de solidariedade de todos aqueles homens que, desprendidamente, defenderam a floresta e evitaram que nas imediações as casas fossem atingidas pelas chamas.

No regresso, sentado a meu lado no banco da frente do velho jipe, com a caixa de velocidade a dar sinais de deficiência, um bombeiro dizia-me que não conseguia compreender porque trocava ele um dia na praia (pois era isso que tinha planeado para aquele domingo) por aquele serviço voluntário. Antes de eu conseguir elaborar as palavras para a possível resposta, outro bombeiro, colocando-lhe a mão no ombro, respondeu: "o sol pode queimar todo o Verão, mas as árvores não!..."

Era uma vez... uma escola e um menino

O João é um menino bonito, de faces rosadas, inquieto e irreverente, *fino como azeite*! Já era assim mal falava... e vai pela primeira vez para a escola, sem que lá vá encontrar um amigo para repartir o recreio e as brincadeiras. Na pasta carrega cadernos e lápis, muitos lápis multicolores. Na mão leva a bola de borracha para estrear. A mãe asseou-o, vestiu-o a rigor. O João leva no olhar a curiosidade, no coração alegria, na alma levará muito mais... O João leva tudo o que precisa, mas ao lado não leva ninguém. Vai só com os seus sonhos... Vai só e assim vai ficar! O João vai ter de jogar sozinho. Como aprenderá a ganhar ou a perder?! Acresce-lhe mais essa dificuldade!

Na aldeia do João já só ele se esconde, sem que ninguém o procure. Para o João, o jogo não tem sentido; nunca sentiu a glória de vencer! O João joga só e fartou-se de inventar vitórias; cansou de ganhar, sem nunca ter ganho a ninguém! O João é um menino só. Só ele cresce naquela aldeia; só ele brinca e inventa...

Falo do João no dia em que abre mais um ano escolar. Um ano em que, uma vez mais, se esvaziam escolas. Um ou dois alunos preenchem salas que outrora estiveram repletas de crianças. Outras nem alunos têm. Simplesmente, permanecem encerradas e esquecidas. Dá-me que pensar!... Anula-me e entristece-me!

Uma aldeia sem uma escola com crianças torna-se moribunda. É como a Primavera sem jardins a florir, sem

ninhos por descobrir. É como se o dia nascesse ao entardecer; como se as horas nada significassem. Uma escola sem crianças é uma casa sem janelas para abrir, onde a sombra permanece gelada e quieta, onde o dia passa devagar, muito devagar, sem pressa, sem brilho, sem nada! Passa sem saber que passa. Pouca importância tem que ande lento, ou não ande. Para quê a escola, se lá já ninguém aprende?! Para quê a aldeia, se ali apenas se espera... sem um grito, sem um riso de criança?!...

A cena repete-se noutras aldeias, com outros miúdos que sozinhos permanecem em salas caladas e frias. Só eles e a coragem de quem ensina. Só eles e a ternura que dividem. Só eles e um longo ano de solidão!

Ao Menino Jesus

Desta vez, meu Menino, não te vou pedir uma bonita prenda como no ano passado. Vou fazer-te apenas uns simples pedidos, que muito mais me alegrariam se os atendesses.

Sou uma criança muito curiosa, ouço com atenção as conversas dos adultos (que nem sempre se sabem comportar!...) e as notícias da televisão. São muitas as dúvidas que sempre adormecem comigo...

Não consigo compreender porque os homens pelo mundo fora estão constantemente em conflitos e guerras, apenas fascinados pelo poder!... Não se lembrarão eles que se matando uns aos outros deixam sozinhos os próprios filhos?! Obriga-os, meu Menino, a pensarem nisso, caramba! O orgulho e a ambição não lhes podem continuar a gelar assim o coração!

Como é possível, meu Menino, que tantas pessoas enriqueçam a cada minuto que passa e durmam à noite envoltas em conforto, à custa da droga que vendem, para que outros deixem de viver, passando apenas a existir, até que a morte lhes apague o sofrimento?!... Acorda e levanta do conforto esses filhos da mãe!

Como podem, meu Menino, continuar a admitir que a fome exista, se num concurso da televisão vi pessoas a estragar comida só para ganharem a porcaria dum prémio?!

Também na televisão, meu Menino, ouvi uma notícia que falava em restaurantes e institutos de beleza para os

cães, havendo tantas crianças com fome e sem roupa para vestir por esse mundo fora! Faz com que os responsáveis da televisão tenham respeito por aqueles que nada têm e não deixem passar programas assim! Não achas isto uma vergonha, meu Menino?!

Olha, meu Menino, se puderes faz qualquer coisa por aquilo que eu te acabo de falar. Queria um dia poder adormecer, sem ter de pensar nestes absurdos!...

Festa de S. Brás

Era a festa anual do concelho. No palco, montado mesmo no centro da vila, um festival de folclore preenchia o programa daquela noite. Desde sempre, que me lembre, o primeiro dia é brindado com a riqueza da nossa etnografia.

Muitas pessoas vibravam com a perfeição e subtileza da dança; com o timbre agudo, mas entoado com afinação pela cantadeira; com a voz possante e certeira do mandador; com os passos e movimentos cadenciados dos dançadores e dançadeiras. Razões não faltavam às pessoas para estarem radiantes! Muitas delas, não resistindo, descalçavam os pés e, mesmo no meio do resto da assistência, davam a sua *viradinha.* "- Pareces uma moça nova, raio!" – dizia, *entredentes,* o homem que prontamente acedeu ao convite da mulher. Eu próprio me segurei por pouco!... Ainda hoje não resisto à tentação de aprender a tocar as castanholas.

Na esplanada do Café Corredoura, defronte ao espaço onde decorria aquela animação, socorri-me para beber uma cerveja. Muitas pessoas bebiam e comentavam a programação daquela noite: "- O rancho de Guardenha não fica nada a dever ao da Póvoa de Varzim!" - dizia um velhote, depois de soltar um valente arroto. De imediato pediu desculpa à menina que estava sentada sozinha numa cadeira isolada. Ela olhou, sorriu e continuou cabisbaixa. Estava estranha!... Parecia muito triste. Tão triste quanto bonita!

"- Não gosta de folclore?" – perguntei-lhe. Olhou-me,

voltou a sorrir, mas não me respondeu. Pareceu-me ter estado a chorar. Desculpei-me e fui sentar-me sozinho numa cadeira que encontrei vaga. Acabei de beber, enquanto olhava para o palco onde continuava o festival de folclore. A noite começava a arrefecer.

Sem me aperceber, alguém mesmo a meu lado perguntou: "- Parle français?". Surpreendido, respondi que não na perfeição, mas que daria para entender. Era a moça de há instantes. Era francesa. Falámos. Contou-me que tinha vindo sozinha colocar um ramo de flores na campa do seu amado, que tinha morrido de acidente, e que o seu corpo tinha sido transladado para cá, fazia um ano.

Confessou-me que era bonita a festa da minha terra. Sentia-se no ar um alegria contagiante...

A rapariga agora parecia estar bem!

E vamos cantando e rindo

Quando me sento para escrever esta meia dúzia de parágrafos faço, normalmente, um compasso de espera para escolher um tema interessante, quer para mim, quer essencialmente para os leitores. Por vezes acabo por escrever sobre aquilo para o qual não estava motivado e, sinceramente, pouco ou nenhum interesse tem para o leitor. Acontece, por exemplo, quando procuro um programa de televisão para argumento das minhas palavras.

As televisões, que nos invadem diariamente as casas e, abusivamente, nos contabilizam nos seus núcleos de audiência sem nada nos perguntarem, oferecem-nos programas de entretenimento quase a todas as horas, o que nos poderia levar a concluir que vivemos num país deprimido, o que não é verdade! Mas, já que o fazem, que tenham o cuidado de o fazerem bem. E é na falta de cuidado que mais esses programas se esmeram.

Para quem tem tido a paciência de ver aquele concurso em que as crianças imitam os adultos a cantar, já se enjoou, ou então não tardará a ter essa desagradável sensação, de ouvir os comentários disparatados, decorados e despropositados daquele puto, vaidoso até dizer chega, que faz parte do júri. Será que ainda não se aperceberam de que a sensibilidade e capacidade das crianças não pode ser apreciada levianamente, correndo o risco de as esmorecer e desagradar profundamente e com consequências futuras? Como podem pôr nas mãos duma criança a autorida-

de de julgar outras crianças que, ao contrário dele, têm uma capacidade natural?! Eu não chegaria a tal depreciação se soubesse que o puto (agora júri) canta, dança, toca, ou faz qualquer outra coisa que se pudesse apelidar de arte ou dom natural de entreter.

Numa próxima crónica, quando voltar a socorrer-me da televisão para gastar as minhas palavras ou contradições, talvez fale de, como num outro programa, uma rapariga (que nem como tapete de porta a queria a decorar a minha casa) só perdeu o medo dos bombeiros e respectivo fardamento a troco de uma porcaria de contos. Isto aconteceu num programa de entretenimento de uma das nossas televisões.

Um decreto chamado desejo

Hoje, se disser que me encontro sastifeito não espelharia com rigor o meu verdadeiro estado de espírito. Só o farei se disser, claramente, que estou radiante. É mesmo assim que me sinto!

Não ganhei nenhum jogo de sorte ou aposta; não fui contemplado com nenhum automóvel (apesar de nunca como agora ansiar tanto por uma paragem num posto de abastecimento...); não fui, tão pouco, seleccionado para qualquer concurso de televisão. Hoje estou eufórico, porque li no Diário da República um Decreto-Lei. Acreditem que vibrei mais com esta leitura do que com um qualquer romance de Eça ou Garcia Márquez!...

Como me alonguei no intróito, vou ter de ser sucinto na explicação dos motivos da minha euforia.

No dia 6 de Junho de 1995, contrariando o que vigorava desde 14 de Setembro de 1982, foi decretado que a naturalidade de uma criança seria o local de nascimento da mesma, o que implicou, a partir de então, numa quase inexistência de naturais nos concelhos desprovidos de estabelecimentos com serviços de obstetrícia. Só nos casos de omissão da verdade por parte dos pais, declarando que o parto teria ocorrido em casa e, por vezes, com a "benevolência", movida por um espírito bairrista e solidário dos serviços registrantes (traduzida, tão só, na dispensa de um interrogatório implacável), se contrariava esse inevitável e injusto facto. Dizia na altura o legislador em nota

explicativa que a nova opção tomada não iria ser fácil de acolher pela população. Estava pleno de razão! Aqui, a doutrina tinha prevalecido à vontade dos homens. Felizmente, apenas por um escasso período de tempo! Era inevitável!...

Hoje, pondo a justiça à frente da doutrina, um Decreto-Lei readaptou o conceito de naturalidade introduzido em 1982 e considerou que uma criança é natural do lugar em que o nascimento ocorreu ou lugar, em território português, da residência habitual da mãe, à data do nascimento, cabendo a esta e ao pai a opção.

Para o Eng.º Agostinho Gonçalves, Presidente da Câmara Municipal de Penafiel - um bairrista que me apraz registar - o reconhecimento de todos aqueles que teimam em salvaguardar as suas origens, plenos de legitimidade. Tinha e tínhamos razão!

Vilarinho da Furna, breves recordações

Outrora, na minha terra,
rendilhada com mil cores,
cresciam pastos e flores...
medrava o gado na serra!

Despedida da sua aldeia, abalou inconformada a outro rumo. Afundaram-lhe a casa num poço de água aprisionada. Afogaram-lhe toda uma vida!...

Chamavam-lhe a Sra. Maria do Geira ("Mariquinhas", num trato considerado). O seu sorriso e a alegria das suas gargalhadas curavam a mais forte dor nos corações de quem com ela convivia. Nasceu e viveu (até um dia...) na Aldeia de Vilarinho da Furna. Quando partiu chorou pela serra que deixava órfã; pelos prados sepultados; pelas aves que entontecidas voavam sem saber onde poisar... Com ela partiram todos. Todos inconsolados, com a garganta engasgada de impropérios!...

Vilarinho da Furna, onde a justiça imperava, onde as leis (feitas por ela) mediam o "peso certo", onde a solidariedade se riscava a toda a hora nas gastas pedras das calçadas, jazia só, submersa num manto de água parada e fria. Calava-se um nobre exemplo de comunidade!

Volvidos vários anos, a "Mariquinhas", com o mesmo sorriso mas com a idade a quebrar-lhe as gargalhadas, voltou à modista que a vestiu com aprumo até ao momento de partir da aldeia. O vestido de tecido fino e negro que agora

encomendava seria o que, religiosamente, iria guardar para a sua "última viagem". Estranhou por isso a modista dos constantes reparos que ela fazia aquando da prova: ora mais cintado aqui, ora mais descido ali, ora mais folgado acolá... Mirava-se de todas as posições em frente ao espelho. Mereceu, por isso, o reparo:

"- Porquê tão perfeita confecção se, afinal, o vestido é para usar em tal altura?!..."

"- Quero na hora da minha partida continuar a manter o brio e a dignidade em nome do povo da minha terra!" - respondeu.

A falar quase sempre nos entendemos

É sempre difícil falar com grande certeza do que diz ou disse um grande pensador ou um distinto orador. Perdemo-nos, muitas vezes, na angústia de os querer compreender completamente e, porque também eles se confundem, acabamos nós próprios por ter de complementar a mensagem, com o recurso aos nossos modestos conhecimentos e capacidade de retórica. Com razão e muita determinação, por vezes, de simples atentos ou curiosos, podemos chegar ao discurso e argumento de sábios. É aqui que se eleva a enorme e nobre sabedoria popular. E porque se eleva consegue mesmo ser grandiosa e nivelar-se, algumas vezes, acima dos muitos convictos detentores da sapiência! Deixam então estes de permanecer, irremediavelmente, sós! Pode iniciar-se a discussão e armazenar-se as consequentes ideias e intenções, que logo após poderão passar a obras bonitas, grandiosas e compreendidas...

Este "farfalho" de filosofia que acabo de escrever (confesso que cheguei a pensar que divagava), reflecte tão só o meu (e certamente de muitos) respeito pelo debate de ideias, quando em causa está uma tomada de decisão sobre qualquer coisa que não é só nossa, mas que a todos, legitimamente, pertence: um plano para ordenar uma cidade, uma praça, ou uma simples esquina, por exemplo.

Por muitos conhecimentos técnicos aprendidos; por muita capacidade criativa e prática desenvolvida; por enorme sensibilidade para prever, que tenhamos, ou pensemos

ter; por muito que acreditemos nos nossos ideais, não nos permite cimentar a nossa razão, ao ponto de nos convencermos de que esta é de tal forma a única, que nos permita, isoladamente, olhar, projectar, executar e concluir, sem nada a ninguém pedir.

Quando assim nos comportamos corremos o risco de falhar e o tempo não nos perdoar o erro! Enquanto teimarmos em permanecer isolados, sem querer olhar e ouvir o que os outros possam querer e saber dizer; enquanto não soubermos admitir as falhas e aceitar que frontalmente nos corrijam, pode muito bem, como diz o poeta brasileiro Augusto dos Anjos, não estar ninguém no enterro da nossa última quimera!

Da "pimbalhada" ao Eurofestival

Como se já não bastasse essa "pimbalhada" com cantilenas de vindima, que nos empanturram a inteligência de incultura e nos ferem e diminuem a capacidade auditiva (mais agora que nos é servida em doses industriais), somos agora também forçados a gramar com dois putos a cantar em tudo que é programa de televisão a "lenda da fonte", com timbre de fado choradinho, nada condizente com as suas idades. Se a canção era bonita (e não digo o contrário), hoje, de tão badalada, já enjoa.

Como se já não bastasse ouvir o Saúl a cantar como o "... quer alho", ou a outra o "pisca pisca" (esta com poema de um qualquer vulto literário - basta julgar pelo título), ainda somos presenteados com as cantiguinhas de cordel que a famosa autora, de nome Rosa, escreve para nos representar no eurofestival. Se as primeiras nos envergonham e enfartam, esta humilha-nos. Basta lembrar a nossa classificação no último eurofestival; nem um só ponto para consolo!

Sinceramente, não compreendo como é que esta senhora não tem vergonha de continuar a insistir em escrever as letras para o festival da canção. Foi já provado que os júris europeus não são propriamente os mesmos que os nacionais e que se estão literalmente borrifando para a sua idade, pose e principalmente nostalgia da adolescência que insiste em retratar nos seus temas. Juntando a esta indiferença a sua falta de humildade (faz-me lembrar a tia sol-

teirona e rica a subir ao palco nas festas de caridade para distribuir roupa usada e disponibilizar-se para madrinha de tudo quanto é casório) e ainda o facto de ser exigido a um país apresentar uma canção com qualidade, as nossas representações só podem ser classificadas como até agora o têm sido.

Estes fenómenos do panorama musical revelam tão só uma falta de gosto generalizado dos consumidores e uma insensibilidade pela nossa cultura de quem tem responsabilidades.

Se em bom tempo não se tivesse escrito, recolhido e composto, nada teríamos para nos deliciar. Não fossem os nossos velhos cancioneiros, arrancados tantas vezes das gargantas secas e mãos calejadas do nosso povo, pouco ou nada teríamos hoje para nos identificar culturalmente. Não fossem os nossos saudosos poetas e trovadores, nada nos despertava e enaltecia! Já ninguém cantaria até a voz lhe doer!...

Filhos da fruta... amarga

Quem ultimamente vê televisão já concerteza se apercebeu de uma peça publicitária onde o "Zézinho" (um miúdo com ar de quem possui educação esmerada - daquelas que se adquiriam em colégios internos no tempo do arroz de quinze) interroga o pai que, refastelado, lê o jornal, sobre as progenitoras de umas tantas espécies de frutos. Conclui por fim que, assim como o fruto é filho da árvore que o suporta, um determinado sumo é, naturalmente, filho da fruta. Uma conclusão, sem dúvida, correcta e coerente. Não compreendo porque o pai, com a cumplicidade da criada, fica indignado e imediatamente o repreende com a voz amarga e olhar reprovador! Será que o miúdo disse algum disparate?!

A última vez que vi a dita peça publicitária estava ao meu lado, a ver o que eu via, um outro miúdo, este também educado e com essa educação incutida e cultivada pelos pais e demais família; na escola e consequente convivência com professores e colegas; nas brincadeiras entre amigos e vizinhos... Ah!, e com a televisão. E esta é quem ultimamente mais o prende e desperta!

Ao ver aquilo, este miúdo imediatamente colocou a mão na boca, sorriu... e instantes depois soletrou a expressão que no vocabulário grosseiro apelida os filhos das mulheres de mau porte (que, apesar de antigo e proliferado, ainda não é convencional). Senti que rapidamente se arrependeu do palavrão e por isso, em acto contínuo, se

desculpou pelo descuido. Não o olhei nem o repreendi. Não lhe disse absolutamente nada.

Compreendi (e porque nem sempre somos os parvos que nos julgam!...) que o acto irreflectido da criança mais não foi que o reflexo natural à mensagem que um qualquer parvalhão pretendia. É fácil engodar crianças; até as chupetas se conseguem tirar da boca dos ainda mais pequeninos, em troca dum dedo sujo!

Que as campanhas de marketing e publicidade usem todos os meios e artefactos para conseguir iludir e convencer os consumidores a adquirir um determindao produto ou serviço estão no seu direito, eu próprio lhes aprecio muitas vezes a originalidade. Mas quando para isso ulceram o comportamento ou o vocabulário de uma criança, podem perder-se na extravagância.

E a propósito, ainda hoje não sei a marca do produto que a aludida *nerda* publicita!

Nerda posso escrever, não posso?!...

O Verão, as festas e outras procissões

Agora que o Verão parece ter finalmente assentado arraiais, nada viria mais a propósito de que falar de festas e romarias, de confraternizações globais, ou de outras efemérides da época. É nesta altura do ano que a maior parte dos santos e padroeiros se veneram; que os corações se prometem e se enlaçam; que os ausentes se reencontram, depois de mais um ano de saudade; que as desgraças se esquecem ou iludem, com férias e outras vistas; que a vaidade se queima ao sol das praias do litoral. Uso esta precisão geográfica, porque hoje também existem praias das bordas dos rios: as fluviais; não têm bandeiras azuis com estrelas, mas têm, com a mesma pompa, pendurado num qualquer carvalho ou salgueiro, um placar com o patrocinador da sua feitura (o encargo financeiro é publicitado até ao rigor do tostão). Foi preciso remover muitas silvas e calhaus!... Se estas não são as praias do nosso contentamento, são, pelo menos, as do nosso remedeio, porque o dinheiro não estica, penso eu, na minha boa fé! E é na fé que eu pego para continuar o meu falatório. Salvo seja!

Ouvi com curiosidade, aqui há alguns dias atrás, pedaços de uma conversa entre dois homens das nossas aldeias e, porque cativava, me prendeu. Falavam das festas e romarias do seu tempo: das vistosas procissões, antecedidas de sermões que evocavam os feitos dos santos martirizados... e que por isso naqueles dias se veneravam com tanto fervor. Lembravam as danças no terreiro, com os ra-

pazes e as moças, ao som da concertina e entoar das castanholas, a *rasgar* pela noite dentro, o vira, a cana-verde e outras modas que improvisavam, com euforia, os pés descalços e suor... Falavam (e aqui senti-lhes uma emoção que lhes enternecia as palavras) dos concertos que as bandas de música davam nos coretos ou palanques instalados. Como vibravam com o entoar da célebre "Tomada de Moscovo" pela banda de Revelhe; com o despique renhido entre as bandas de Amares e Vila Verde; com o jeito peculiar do Manuel da Glória, da centenária banda de Carvalheira. Lembraram o último dia da banda de Covas, em S. Sebastião da Geira, tempos depois de ter sido excomungada pelo Padre Lazera. Como acabou sem glória, entre varas e instrumentos pelos ares!... (coitado do que levou com o trombone no lombo!) Acabou a banda, mas ficaram os seus exímios instrumentistas: o Viana, regente e executante primoroso do clarinete, que depois dirigiu famosas bandas da região; o Adolfo Dias (apelidado "do Carlos", para se evitar a cacofonia) com os seus nostálgicos ensaios ao bombardino no final da tarde; o Aires Canastra e o seu célebre cornetim, que parecia gemer de emoção quando se envaidecia...

E foi quando ainda falavam de bandas que me desprendi da conversa. Ouvi e senti ainda o lamento e descontentamento por no programa da principal festa do concelho não constar qualquer referência musical deste género. Até as festas já não querem que sejam como eram, diziam!...

Bye Bye, Lady Di!

Quem não desejou um dia olhar... e perder-se de amor por uma bela mulher?! Quem, num raiar sereno, não sonhou acordar com um beijo a sua dama encantada, depois dum sono longo e calmo, e emprestar à manhã o perfume desse instante?! Quem não inventou um jardim multicolor onde colher, a toda a hora, a mais bonita das flores para presentear aquela que o seu coração prendeu e seus dias clareou?! Quem não quis, mesmo por um só momento, embriagar-se numa lágrima emocionada e doce da sua amada?!

Quem já não se perdeu num sonho?!... Quem já não desenhou um dia a sua própria história de encantar?!...

Adivinho que muitos o fizeram e procuraram para esse instante o sorriso franco e olhar doce e calmo de uma verdadeira princesa. Encontraram aí Lady Diana!

Agora ela morreu!

Morreu sem que soubessem se a amaram da mesma forma que a queriam; se a venderam ou enalteceram; se a compraram ou ultrajaram!

Só sei que morreu, quando a morte saiu à noite e ambas se cruzaram... Diana ficou ainda mais!... Ficou para sempre com os que a admiraram e respeitaram, com os que a procuraram e mostraram, com os que a chamaram e com ela sempre contaram, com os que a souberam olhar e inventaram... Ficou, porque não parte o reflexo da suavidade que ela sempre transpirou... Ficou, porque não parte

completamente aquela que, sendo apenas uma folha, agitou a floresta!... Ficou, porque ficam sempre aqueles que nos enalteceram com a nobreza da sua permanência!

Adeus Princesa! Ficas nos nossos sonhos... nos nossos instantes de ternura, nos nossos encantos que soubeste alimentar... Ficas, e permanecerás mais real, nas nossas histórias de encantar, nos palácios que a toda a hora edificamos!...

Mesmo assim, ficamos ébrios de saudade! Bye bye!

Uma aldeia só

Era um domingo de sol. Parei, a meio da tarde, numa aldeia que outrora conheci.

Lembro-me, então, que no terreiro (ou eira com também lhe chamavam) muitas crianças corriam e brincavam. Era mesmo de ensurdecer os gritos da sua animação, tal era o número do grupo. As moças, já "espigadotas", namoriscavam sentadas no muro da escola, com o olhar atento das mães (não fosse o diabo tecê-las) e a curiosidade das outras mulheres... Os rapazes jogavam a bola no recreio da escola que confinava com o terreiro. Lembro, inclusivé, do jogo ter sido interrompido por terem quebrado um dos vidros das janelas. Os homens, com o olhar atento dos mais idosos, jogavam às cartas num espaço improvisado na mercearia e refrescavam a tensão com umas "malguinhas" do verde da região. Atitudes simples na pacatez daquela aldeia. Foi assim que eu a vi. Era esta imagem que eu guardava e que me levou a lá voltar! Não foi assim que eu a encontrei! Doeu-me o silêncio!...

Não vi crianças a brincar, moças entretidas nos muros, bolas lançadas contra paredes, mulheres a fervilhar de desdém... Apenas velhos, cada vez mais velhos, na mesma mercearia, mas agora a beber refrigerantes por conselho da fragidez da idade. Chocou-me ver aquela aldeia tão só!

A ausência de alternativas bateu forte demais nos filhos da terra. Os prados já não os prendiam... os pinhais começavam a sombrear demais os seus anseios; a paisa-

gem circundante, bela e impávida, já dava pouco a quem um pouco mais queria!... A razão era demais!!!

Fiquei sozinho com aquele silêncio... À medida que pensava fui olhando para as pedras que permaneciam na decoração sublime daquele pedaço de encanto! Quis convencer-me que iriam conseguir resistir...

Uma questão de justiça

Só serei realmente adulto quando um dia me sentir livre e seguro para continuar a crescer.

Um pensamento (e este por onde iniciei esta rubrica surgiu sem grande elaboração; moveu-me apenas um sentimento de franqueza) é sempre um reflexo daquilo que sentimos ou ambicionamos. Uma ambição pode não significar querer demais, mas querer apenas aquilo que nos falta, e nos transtorna essa necessidade.

O concelho de Terras de Bouro vem ao longo das duas últimas décadas recuperando do ostracismo a que foi lançado pelo regime do Estado Novo. Não foi fácil vencer quarenta anos de esquecimento. Apesar de algumas conquistas já terem sido conseguidas, muitas mais há ainda por conseguir. Falaria hoje de uma que, sem menosprezar o que de resto falta, entendo como extremamente necessária: um tribunal judicial. A burocracia, por muito que nos possa "aborrecer", é sem dúvida uma realidade com a qual temos de conviver diariamente é imprescindível ao funcionamento administrativo do país. A justiça e os tribunais são os elementos fundamentais da nossa segurança e liberdade; por isso se quer fácil e rápida.

Depois de em 1977 a Câmara Municipal, ainda presidida por um conselho administrativo, ter conseguido criar e instalar as conservatórias dos registos predial e comercial no concelho, oferecendo assim às populações uma maior facilidade na condução dos seus bens, pois deixaram de

ter de recorrer a três conservatórias dos concelhos vizinhos (Vieira do Minho, Amares e Vila Verde), ficaria concluído o círculo burocrático se agora fosse criado neste concelho um tribunal. Há que reconhecer que as circunstâncias são diferentes. No registo predial, depois de Outubro de 1984, altura em que entrou em vigor a última revisão do seu código, aumentou (e continua com essa tendência) o seu movimento de forma alucinante. Só por isso seria hoje impensável um concelho não possuir estes serviços, tanto é que seria quase impossível às outras conservatórias suportar o expediente para lá das suas fronteiras. Quanto ao tribunal, que se regula basicamente pelo número de processos entrados, e tendo em conta que este concelho possui um baixo índice populacional, poderá já não ser vista a sua necessidade com a mesma pertinência. Contudo, se o movimento que este concelho possa oferecer não justificar um tribunal na sua plenitude, pelo menos, e para começar, que seja criada uma secção judicial de um dos tribunais que actualmente o serve e que comporte processos crimes e cíveis. Naturalmente que o tribunal da comarca de Vila Verde, e porque tem doze das dezassete freguesias, seria a principal hipótese a ponderar. Poderia ser o início da plena autonomia desta terra.

Um conto de Natal

Logo que o mês de Dezembro começava e os primeiros flocos de neve cobriam as copas das árvores que na serra perfilavam, o rapazito passava o dia a pensar na prenda que naquele ano lhe iriam oferecer pelo Natal; poucas vezes coincidira com o seu desejo.

Na escola, já em vésperas das férias, quando a professora lhe pedia para na sua redacção falar da prenda que mais gostaria de receber naquele Natal, os seus textos distinguiam-se sempre de todos os outros alunos, levando por vezes a professora a interrogar-se sobre o teor dos seus anseios e comentários... Daquela vez o rapazito escreveu de tal forma que ela não queria acreditar naquilo que lia. Era simplesmente genial o texto que escrevera, quer pela sua originalidade, quer, principalmente, pela sua beleza! O rapazito tinha descrito o sonho que tivera na noite anterior e que dizia:

Naquela manhã acordei ainda não tinha clareado. Depois de me vestir à pressa, meti na algibeira uma maçã, peguei na sela e na cabeçada e corri para a corte ao lado da casa. Rapidamente preparei a montada no velho garrano que o meu avô há muito comprara na "Feira dos Santos" (e por herança tinha ficado para o meu pai) e cavalguei num trote ligeiro em direcção à serra, com tal ansiedade que quase me saltava o coração do peito de tão depressa bater. Queria chegar à "Pedra Bela" ao mesmo tempo que o sol; trazia-me um recado que me enviava uma estrela.

Cheguei ao cimo da serra e ainda o sol ao incidir nas árvores produzia uma luminosidade diferente das outras manhãs de Inverno. Sentei-me na pedra ainda fria e antes de ouvir o recado que ansiosamente esperava, olhei a paisagem branca e calma que parecia prolongar-se até ao infinito... Pensei por instantes como também naquele momento gostaria de olhar o mar adormecido no vale!

Chegou entretanto o sol. A pedra onde me sentava logo aqueceu, os pássaros em coro chilreavam... Foi então que o sol me transmitiu o recado:

"- A estrela manda dizer que neste Natal vai oferecer-te aquilo que neste momento mais gostarias de olhar."

Fiquei entontecido, incrédulo e trémulo. Olhei por instantes o vale que ao fundo se estendia... Já sem hesitar pedi que aquela neblina que o cobria fosse transformada num manto de água que me fizesse parecer o mar! Num instante o meu pedido foi acolhido: a neblina desapareceu e em seu lugar um rio grande surgiu, atravessado por duas lindas e enormes pontes. Parecia desenhado e cuidadosamente colorido com tons do verde que a Primavera oferece!

Todos os anos, em véspera de Natal e pela manhã, o rapazito subia à Serra do Gerês e, sentado na "Pedra Bela", olhava aquele lindo rio que lhe fazia parecer o mar!...

A saga dum homem prudente

O senhor Austrincliniano era um homem prudente. Sabia-o toda a gente na região. Nunca dava um passo sem que, previamente, o medisse... Foi assim que o conheceram desde sempre. Diziam, inclusivé, que falava pouco, com medo de entrelaçar as cordas vocais. Apesar disso, sempre foi respeitado e considerado por todos. Chegou a ser autarca na sua freguesia.

Este homem (com o nome esquisito) vestia camisa de meia manga no Inverno e gabardina no Verão, para não ser apanhado de surpresa por uma mudança repentina do tempo. Justificava este comportamento com a expressão: "o diabo não tem sono nem vontade de dormir!". Muita gente chegou a censurá-lo, mas ele fazia-se surdo a tudo quanto contrariava a sua razão. Nunca foi de dar ouvidos a conselhos ou reparos. Em tempos, teve desavenças com o pároco da freguesia, só por este lhe lembrar que as telhas da Igreja não lhe cairiam na cabeça. Levou de tal forma a peito este reparo que imediatamente pediu uma audiência ao bispo da diocese; queria a transferência do sacerdote. No seu modo de vida, vendia galinhas poedeiras, criadas a grão e côdeas, para que pudessem chocar excelentes pintos. Ninguém pode dizer que não era sério no negócio! Chegou também a vender galos cantadores, ovos de duas gemas e pêgas de trave cortada. Neste último caso, ele próprio fazia a cirurgia. Nas horas vagas capava porcos e cortava cabelo, mas apenas àqueles a quem considerava. Sem-

pre foi amigo do seu amigo!

Quando a televisão o alertou de que as vacas continuavam a padecer de loucura e as galinhas começaram a constipar e era, por isso, perigoso comer a sua carne, ele, respeitando o seu cuidado, imediatamente deixou de dormir com a mulher (que passava os dias no galinheiro) e de consumir carne de vaca.

Este "célebre" senhor morreu repentinamente. Toda a gente se surpreendeu e chocou com o trágico sucedido. Comentavam e tentavam adivinhar a causa que o liquidou...

Na autópsia verificaram que tinha comido umas iscas de figado com cirrose, dum porco de sua criação!

Made in USA

Nunca como hoje senti tanta dificuldade na selecção de um tema para introduzir nesta minha crónica. Não por rarearem motivos de interesse, mas, pelo contrário, pelo seu excesso: são tantos e tão diversos que me dificultam a escolha.

Sendo racional, tento preocupar-me apenas com assuntos sérios. Não vou falar, por isso, nas aventuras extraconjugais do presidente dos Estados Unidos; correria o risco de inoportunismo, deixando passar sem qualquer referência uma eventual relação amorosa do presidente com a baby sitter da filha ou com a tratadora dos seus cães de estimação. É bom lembrar que, do momento em que escrevo, faltam, ainda quinze dias para que este texto seja publicado e até lá muita água correrá por debaixo da ponte!... Ou melhor, até lá pouco assunto terão os americanos para se dedicar! Melhor será caricaturar o seu presidente, do que deixar o povo lembrar as críticas do Papa ao embargo mantido a Cuba, durante mais de trinta anos, pelos Estados Unidos, evocando duvidosos conceitos e princípios... A Indonésia e a ditadura de Suarto, com quem detêm amistosas e proveitosas relações, parece não lhes fazer lembrar o mesmo!

Porque o coração do povo consegue, por vezes, mexer com a razão dos políticos, há que os distrair com qualquer coisa mais estimulante; daí o "ridículo" do presidente! Para grandes males, grandes remédios; por isso, e por-

que o assunto era sério (a voz do Papa tem um peso inigualável), há que o confundir com um grande escândalo. Se mesmo assim este não for argumento suficiente, acabarão por bombardear Bagdad, fazendo lembrar ao povo os seus bons ofícios como polícias do mundo. Os americanos sempre foram patriotas e solidários!

Se os republicanos, mais que ninguém, tinham todo o interesse em desviar ou anular as palavras de Sua Santidade proferidas no mar das Caraíbas (pois é no sapato deles que a pedra mais magoa) fizeram-no com a devassa da intimidade do presidente. Por sua vez, os democratas no poder, para anular este conseguido escândalo, introduziram novamente a ameaça ao país de Sadam; só que, com a precipitação, esqueceram de antecipadamente sondar os seus aliados da Europa. Conclusão: alguns dos mais poderosos não foram no engodo!... Daí que tenha de ficar para mais tarde uma nova tentativa para os convencer.

A velha Europa, com um estofo político sério, demonstrou que não pactua com joguinhos de entretenimento. Quem as faz que as pague!

Uma justa homenagem

Sempre acreditei nas pessoas simples, no empenho e cuidado com que se agarram às coisas que querem e conseguem fazer, na coragem e determinação com que se "alimentam", na ausente ambição pela qual se movem!

Porque mantenho essa fé, ainda mais me envaideço de ser conterrâneo e conhecer a Maria Adelaide. Uma mulher da pacata aldeia de Covide, do concelho de Terras de Bouro. Tão simples como o nome que lhe deram; tão cuidada como o fio de linho que estende no tear; tão nobre, como sempre foi a alma do povo a que pertence!

Maria Adelaide Soares, uma mulher discreta e simples, mas, porque determinada e solidária, mereceu, estes dias, a homenagem do Presidente da República do nosso país. Para além de tão eloquente distinção, conseguiu ainda fazer o mais alto cargo da nação pisar as calçadas rudes e gastas da sua aldeia, para, emocionado, ver a obra que ela ergueu: o resultado da sua dedicação durante quase uma vida a toda a comunidade; o trabalho e engenho que, desprendidamente, soube emprestar à criatividade e solidariedade; a inteligente forma de saber combater a interioridade de uma aldeia, fixando as suas gentes e, simultaneamente, promovendo e enaltecendo as suas capacidades artesanais, tão ancestrais como até então esquecidas... Aquando da passagem pelo salão nobre dos paços do concelho, para a formal assinatura do livro de honra, o Presidente da República dizia, envolvido ainda por um

sentimento de simplicidade (também provocado pelo ambiente vivido nessa manhã), que "até na mesa de um café teria gostado de ser recebido em Terras de Bouro", (lembrando que não nos devemos seduzir apenas pela imponência das coisas grandes, mas também pela grandiosidade das coisas simples, por onde tudo deveria começar) e, por isso, refutando outro que não este sentimento, ao ser presenteado pela Câmara com um singelo livro de poemas de Miguel Torga, inspirado nas recônditas paisagens das nossas terras, agradeceu e adjectivou a oferta de inteligente, culta e muito significativa.

Enfim, naquele dia vi reconhecida a obra de uma grande mulher e conheci melhor o Presidente da República.

Duas pessoas, duas missões... dois grandes exemplos!...

Mirando las flores del campo

Enquanto os prados forem verdes
acredito...
permaneço a olhar as flores do campo...
Mesmo que o Céu se entristeça de cinzento!
Toda a cor tem seu encanto;
até triste me contento.

Senti um vácuo interior quando acabei de escrever este pequenino poema, apesar de suave e colorido.

Nessa noite tinha prometido a mim mesmo que iria esquivar-me a qualquer tipo de rima. Caramba, que perseguição! Queria escrever uma crónica. Poderia até ser uma prosa com palavras floreadas... mas rima, não!

Tinha lido *O carteiro de Pablo Neruda* (onde aprendi a morrer com um poema Chileno - se é que se isso se aprende!) e acabado de folhear um manual de equitação. Imediatamente me surgiu na lembrança a *Samanta*, uma égua multirracial de vistosa estrela branca na testa (e que só lhe faltava falar!) que um dia comprei por duzentos contos na Póvoa de Lanhoso, mas que impediosamente me fez "sentar o cu no mocho", para me ser pedida uma choruda indemnização por atropelamento, solicitada pela filha da pretendida vítima, contra a manifesta vontade da progenitora e que, naturalmente, resultou em "águas de bacalhau". Ah, por fim tinha declamado em frente ao espelho uma poesia erótica do Bocage. Foi aqui que com

mais motivos fiquei para acelerar a "pena" e, por isso, incendiado de emoção exclamei: desviem-se vendavais que a tempestade sou eu! Resultado: um rasgo poético pueril, uma rima impertinente. Que chatice!!!

Voltei a olhar o poema. Estava, de facto, bonito. Mas a rima!...

Que fazer para que o sono surgisse, adiando a crónica ou a prosa que me tinha proposto escrever? Pensei durante uns instantes. Liguei a rádio e ao ouvir *Sólo se vive una vez* lembrei uma "chica galega" que num remoto dia me dedicou uma balada, quando cantava num bar que eu frequentava. Tinha acabado de encontrar a solução: traduzir o poema para a língua dos "nuestros hermanos". Ficou assim:

Mientras los prados verdes
creo...
permanezco mirando las flores del campo...
¡Aunque el cielo se vuelva gris de tristeza!
Todas las colores tienem su encanto;
hasta triste me conformo.

Agora o poema tinha uma rima bem mais atrofiada! Podia dormir.

Mi liga, vai!...

Esta crónica de hoje vem a propósito de uma notícia que ainda há pouco passou na televisão. Um determinado senhor recebeu uma conta de telefone de nove mil e tal contos e que, pelos vistos, não tem por onde pagar - pelo menos a julgar pelo aspecto e intenção!

Para quem não teve acesso a essa dita notícia, dirão, os mais cépticos, que houve engano nos serviços da Telecom; os mais emocionais dirão que esse senhor não conteve as saudades e se fartou de telefonar para os filhos que tem algures no Alasca ou na Nova Zelândia; os mais realistas dirão que o filho mais novo desse senhor, estando em casa de quarentena, não fez outra coisa durante esse tempo senão telefonar para todos os números da lista telefónica, incluindo os das páginas amarelas. Eu, se não soubesse da notícia, diria que alguém neste país tinha encontrado uma forma subtil de "gamar"!

Pois é! Todos se enganariam! Todos, menos eu! Pois digo agora aquilo que diria, mesmo que não soubesse da fatídica notícia: alguém anda a meter a mão nos bolsos dos consumidores. E o pior é que, muitas das vezes, fazem de intermediários dos seus *amarfanhos* os filhos, ainda crianças, dos consumidores. E é aqui que o assunto muda de figura! É aqui, e por isso, que me permite chamar a isto um verdadeiro roubo!

Já agora vou passar, para quem não soube, o conteúdo da referida notícia da televisão: o aludido senhor assumiu,

como batalha sua, consolar e encaminhar para outros caminhos mais nobres umas tantas senhoras que como modo de vida escolheram arfar e gemer agarradas a um auscultador de telefone, sem acesso à "fronha" do receptor (ou pato, neste caso!), as conhecidas linhas de valor acrescentado ou erótico, como melhor soam. Para isso telefonou para elas incansavelmente. Se o tipo não é maluco deve, pelo menos, andar há já alguns anos a descontar para essa eventualidade! De certeza que fará muito melhor figura do que outros que, infelizmente, a ele se anteciparam!

O caso deste *tanso* deverá, pelo menos, servir a todos como exemplo, pois ninguém está livre de lá em casa o filho mais expedito ser acolhido por um sentimento de solidariedade e resolver, também ele, calar os "ais" das tais senhoras e depois surpreender os pais quando a conta do telefone chegar. Para que isso não aconteça basta, tão só, pedir aos respectivos serviços de telecomunicações que interditem o acesso do seu telefone a essas referidas linhas.

Não diga depois que não foi avisado!

Reforma do ensino? Vou ali e já volto!

As regras são claras: os meninos não devem reprovar nos quatro primeiros anos de escolaridade.

Quem assim dita são os arautos do nosso sistema educativo.

Só acredita nisto, como sendo apenas uma sugestão, quem não conhece o tamanho do "relambório" que um professor tem de elaborar (e muito bem detalhadinha a justificação) para reter um aluno no mesmo ano! Está para breve prolongar esta recomendação até aos primeiros seis anos de aprendizagem. Não deverá faltar muito para que obriguem os alunos a *passear* livremente até chegarem a doutores. Esta última exigência poderia até acontecer a partir da semana que vem, que já não nos surpreenderia. Já pouco falta para assim ser!...

Eu, sinceramente, gostava de saber porque razões, e com que objectivo, se movem alguns "iluminados" deste país que se desdobram, e perdem, entre projectos e reformas do ensino! Saberão eles, por acaso, que hoje escrevem ***"(...) não teinho podido escrever é que é as alturas da prache (...) Então tu i u (...) tudo bem ou tudo mal. Um beijinho au pessoal todo. Adeuz"***, alunos que frequentam universidades deste país e que para alguns, já formados, a soma do quadrado dos catetos é uma composição poética e a hipotenusa é uma das ilhas gregas no Oceano Pacífico? A televisão nem sempre se recomenda, mas por vezes serve para mostrar aquilo que não queremos ver!

Poderá parecer um paradoxo, mas banalizar o primeiro grau do ensino - o 1.º ciclo ou primária, como anteriormente se chamava - entenda-se, desprovê-lo de assunto e da necessidade de resultados, traduzidos na passagem obrigatória, é um erro fatal, podendo ser mesmo uma violência para a inteligência das crianças. Mas senão vejamos: hoje, fruto de um ambiente familiar mais esclarecido e preocupado, da oferta proveniente e sistemática, dos audiovisuais, do convívio e regras que se iniciam num jardim de infância e se prolongam no ensino pré-primário, uma criança quando inicia a sua escolaridade obrigatória está certamente mais aberta à aprendizagem e ávida de conhecimentos. Se as não satisfazemos e não lhes incutirmos a responsabilidade do dever querer saber (sem o recurso à palmatória, naturalmente), corremos o risco de as adormecer numa frustação e consequente desmazelo, que terão naturais reflexos negativos na sua futura formação...

É preferível ver jovens bem formados, mesmo que prematuramente, do que continuar a ouvir a ladainha dos nossos pais e avós "ai a minha 4.ª classe!..."

A sombra do vira-latas

Acordei já a tarde começara. Compensei assim o pouco sono na semana.

Comi à pressa um arroz seco com umas costelas de coelho (tenho o fascínio por estas dietas) e, depois de me regar com um copo de água mineral, perdi a paciência quando tentei pegar à faca umas azeitonas que, com mais três quilos, comprei numa mostra de produtos regionais. Saltei da mesa e já na rua, quando na passagem me mirei numa montra da avenida, verifiquei a falta de aprumo no meu penteado. Depois dum longo sono, duvido que tenha começado da melhor forma aquele resto de sábado.

Havia um motivo para a minha correria: como a noite já estava encomendada, tinha apenas aquela tarde para escrever um texto de publicação regular.

Já sentado para o iniciar, levantei o estore da janela e olhei o exterior para que algum elemento de interesse me provocasse uma qualquer reflexão...

Via na rua o asfalto removido, escavadoras paradas, uma camião estacionado, as tílias com as folhas tombadas e descoloridas. Tudo queimava ao sol; tudo estava parado! Só a poeira levantava, de quando em vez!

Do desconserto das obras sobravam ainda dois bancos de madeira desiquilibrados, um pequeno espaço de jardim, três pequenos arbustos desalinhados e um relvado mal tratado, que servia de cama aos cães vadios (aos que tinham a coragem de resistir...). Sobrava ainda, deitado en-

tre os dejectos dos cães, um homem que o álcool vergou e a vaidade esqueceu... Dormia como qualquer homem dorme, deitado como outros também se deitam, ignorado como nem todos são!

Enquanto dormia, um cão (que com ele quis compartilhar aquele lugar à sombra) lambia-lhe os pés descalços e encardidos, sem que o homem esboçasse qualquer gesto, nem mesmo o mais ténue movimento. Permanecia imóvel, como se uma ternura o premiasse; como, depois dum temporário esquecimento, alguém o quisesse erguer do chão! Mas, eu, que atento olhava, sabia que era apenas um cão a querer iludir a fome!

Eu que procurava um motivo... via um cão com fome e um homem com sono e sem mais nada!

Não sei se relatava o que via, ou ficava só a olhar aquelas duas vidas tão parecidas; tão, escandalosamente, perto!

Telefone - onde o perigo se escuta

Quem se deu ao cuidado de ler uma das últimas crónicas desta minha rubrica, mais concretamente a que intitulei "Mi liga vai!...", não poderá dizer que, em relação ao tema que aí levantei, não tenha ficado esclarecido do perigo que corre se tiver o seu aparelho de telefone com livre acesso às linhas de valor acrescentado, principalmente quando tem em casa crianças desembaraçadas e expeditas.

Com a publicidade sistemática oferecida pelas televisões, é muito provável que um miúdo seduzido por uma possível aquisição dum "Game boy", duns patins em linha, duma bicicleta, ou mesmo por uma primeira experiência erótica, não resista a aceder ao convite e a telefonar, na tentativa de facilmente adquirir esse produto ou, no último caso, da satisfação plena da curiosidade que já o começou a despertar...

Aconteceu precisamente isto no passado mês com um miúdo de Chorense - Terras de Bouro. Depois de se certificar de que a mãe e a avó se encontravam nas respectivas casas, que se situam no mesmo lugar, por várias vezes e alternando de telefone, ligou incansavelmente para as aludidas linhas. Como resultado, a mãe e a avó receberam nas suas facturas mensais valores para pagar que, somados, rondam o meio milhão de escudos. Como a vida não é fácil para ninguém, e estas duas senhoras não são excepção a essa regra, não irá ser fácil, para elas, saldar essas facturas à Telecom.

Confesso que, lembrando-me vagamente do meu comportamento em criança e admitindo como verdadeira a forma como me descrevem, teria eu nesse tempo, se então isto me fosse oferecido, também caído nestas armadilhas montadas às crianças, sem qualquer escrúpulo ou respeito pelos pais, que pagam para ter em suas casas um meio de comunicação quase imprescindível nos dias de hoje, fruto de um progresso do qual eles não são responsáveis. Serão, tão só, passivos contribuintes e, de quando em vez, usufrutuários de pequenas migalhas.

As máquinas publicitárias e os meios que as *transportam*, nomeadamente a televisão, precisam de ser afinadas, de forma a não ultrapassarem os limites da decência!...

Quanto aos serviços de telecomunicações, não lhes ficaria nada mal informar, de sua iniciativa, os consumidores, de forma a evitar situações semelhantes à que foi relatada.

Inaugurações, condecorações e outras atenções

Por altura da inauguração dos Paços do Concelho, do Centro de Animação Termal do Gerês e do Centro Naútico de Rio Caldo, a Câmara Municipal de Terras de Bouro aproveitou o evento para condecorar e homenagear personalidades do concelho com relevância nos campos literário, científico e profissional.

Se os edifícios ora inaugurados se revestem de extrema importância, quer a nível de funcionalismo administrativo da autarquia, quer de estrutura necessária para uma projecção cultural, desportiva e turística do concelho, a distinção dos seus autores e estudiosos vai muito para além dessas ambições. Atrevo-me mesmo a um *farfalho* da minha filosofia: motivem os homens que as obras nascerão deles!

Não quero com isto retirar importância aos edifícios que se fizeram ou venham a fazer; muitos serão sempre poucos! Quero apenas, se me permitem, realçar a capacidade humana que existe e provocar a que futuramente poderá surgir. É com estes, principalmente, que uma terra terá que contar. Por isso qualquer sinal de motivação (e bastará, por vezes, ver os outros serem contemplados para lhes aguçar o engenho) será um excelente contributo para essas futuras aparições. Por isso o meu destaque da distinção que a Câmara fez aos valores intelectuais do concelho. Só por isso também a minha rendição a essa iniciativa.

Permita-me o leitor que lhe diga (e perdoe-me a

imodéstia) que também o autor desta coluna mereceu a distinção da autarquia. É natural que me sinta honrado e extremamente grato pela distinção. Mentiria se o contrário afirmasse, ou este meu estado de contentamento omitisse. Porém, para que à autarquia seja, por mim, feita justiça, quero ainda, no espaço que este jornal desprendidamente me oferece, dizer que nunca aquela me regateou ajuda nas minhas modestas produções literárias, quer a nível de patrocínio financeiro, quer em outros apoios circunstanciais.

Personalizar este espaço não é típico da minha forma de estar ou escrever, mas não poderia deixar em claro, ou mesmo publicitar, a ajuda que outrora mereci, pois só assim contribuo para o incentivo do aparecimento de novos valores, tal como aqueles que agora foram reconhecidos.

O velhote, a louca e eu

Passeava na avenida central da cidade. As árvores refrescavam-me do forte calor que naquela tarde se fazia sentir. O Sol parecia querer-me castigar. Era demais!...

Num dos passeios, ladeados de bancos de madeira (todos ocupados, por azar!), olhava toda aquela gente que, sentada, quase dormia. Que inveja, nem um cantinho me sobrava!

Pensei em refastelar-me na relva; tão verdinha que apetecia comer! Mas uma placa bem visível quebrou-me completamente a ideia: "Por favor não pisar". Paciência! Continuei desconsolado...

Mais à frente, já quase no fim daquele refúgio, com os poros já cansados de verter, *um quadro insólito* fez-me parar: de um lado, sentado num banco, um velhote de chapéu bem enfiado na cabeça, a pala apoiava o nariz, olhava apenas o chão. Mesmo em frente, também sentada num banco igual, uma mulher de idade avançada, meio esquisita (não era, de certeza, detentora de todas as luas), vestida toda de vermelho, inclusivé o lenço que lhe deixava apenas um pouco do rosto destapado, abria e fechava uma desengonçada mala de cartão, onde lá dentro apenas se viam trapos velhos e muitas caixinhas vazias de maquilhagem. Mirava-se constantemente num pequeno espelho retrovisor.

Parado, apreciei por instantes o silêncio e imobilidade do homem e a azáfama da mulher... Que diferença de

imagens apenas um estreito passeio separava!...

Aproximei-me do homem, fiquei mesmo pertinho e falei-lhe quase ao ouvido:

- Então amigo, aqui sentado à fresquinha à procura de romance?! - Nem um gesto ou uma só palavra. Continuou imóvel, com o olhar fixo no chão. Continuei:

- Não me venha dizer que não estava a mirar aquelas pernas bem torneadas da senhora da mala aí à sua frente! Seu guloso!!! - Mais uma vez o seu silêncio me respondeu; não deu às minhas palavras a menor importância. Pensei mesmo que o homem poderia ser surdo. Mesmo assim exclamei:

- Há-de dizer-me onde é o seu caixote do lixo! - levantei mesmo o tom de voz.

Passados uns instantes levantou-se, ergueu a pala do chapéu, descobrindo os olhos, fixou-me e disse friamente:

- Deixo-a para si que tem melhores dentes do que eu! Fiquei estático a olhar o banco vazio!...

A mulher continuava a mirar-se ao espelho, o velhote caminhava ao longo do passeio, apoiado na bengala e eu tinha levado uma boa lição!...

E a cidade aqui tão perto!...

Hoje, ainda não sei porquê, é frequente os pais se arrastarem atrás dos filhos para os locais onde estes vão frequentar os estudos secundários - tão só os estudos secundários!... Neste caso concreto, a cidade de Braga. Para isso, adquirem lá o seu apartamento e, diariamente, prescindindo das suas habitações - na maior parte dos casos confortáveis vivendas - nas suas terras de origem, e onde trabalham, lá fazem a sua viagem todos os finais de tarde. Justificam-se evocando o facto dos filhos merecerem um completo acompanhamento de sua parte e uma maior protecção nas suas educações. Para trás fica, inevitavelmente, a solidão e o vazio nas suas terras, que se traduz num perfeito deserto de gente e graves consequências que daí resultam. Uma terra sem gente é uma terra calada, desmotivada, pobre e esquecida...

Agora eu, apenas como simples conhecedor deste fenómeno e ainda descrente dos seus resultados, pergunto: será que alguma razão justifica este êxodo? Será que os filhos precisam mesmo da sombra dos pais? Ou não serão estes apenas uma sombra no mais amplo sentido da palavra e o efeito dessa "névoa" só mais tarde se irá reflectir, negativamente, na educação que agora apregoam?... Diria mais: será que, nestes casos, os filhos não são apenas um excelente alibi para colmatar a insegurança e a necessidade de imposição social dos pais? São muitas perguntas, possíveis respostas, mas eu, sem dúvida que apostaria na

última!

Quem me conhece, ou lê, sabe identificar-me como um perfeito bairrista, amante da sua terra e crente no seu futuro, tal como no de todas as terras, independentemente da sua interioridade. Saberá ainda que também eu sei que a cidade oferece outras oportunidades de lazer, de motivação e, porventura, de formação intelectual. Mas essa boa gente saberá que uma escola só se pode engrandecer, melhorar e, consequentemente, oferecer uma melhor qualidade de ensino se tiver alunos para a frequentar? Lembrem-se que estamos a falar apenas de uma escola do segundo e terceiros ciclos e não em outro grau superior de ensino!

Para rematar, queria apenas dizer ainda que a vida na "grande terra" pode também ser desprovida de muita riqueza, muitos valores... e defraudar a nossa própria esperança!...

A terra, essa, pode muito bem um dia já não poder perdoar!

Meu querido telemóvel

O telemóvel é um meio de comunicação eficaz. Disso poucos terão dúvida. Eu sou dos que não têm! Agora que é "foleiro" tenho a certeza que, também, tal como eu, muita gente o deve achar. Não o aparelho em si, mas o uso que, por vezes, lhe é dado! Para justificar a minha má impressão, começaria por contar um caso que ainda há poucos dias, casualmente, presenciei e porque o tom de voz da "figurona" não deixou ninguém indiferente num raio de cinco metros. Exclamava ela para o seu "cara-metade" (isto a julgar eu pelo tremidinho da sua voz e rendilhado das suas palavras):

"Tá? Tááá?! Ai que merda, ouve-se tão mal! Tás ouvir meu amor, sou eu!...". Naturalmente que à voz do outro lado eu não tive acesso. Não vou, por isso, fazer qualquer compasso de espera entre um e outro interlocutor, até porque este meu texto passaria a ser uma meia transcrição de conversa de surdos!" Sendo assim, ela continuava: "Ah!, pensei que já não me conhecias a voz!... Pois, agora já sei que as minhas colegas, copionas como são, vão todas comprar! É sempre assim! Nunca tenho nada que, logo a seguir, elas não queiram também! Por falar nelas, sabias que a Glória deu cos pés no Zé Manel?! Ah, bem feito, tinha a mania que era engatatão! Coitado, agora anda a chorar pelos cantos... Foi bom para ele aprender!..." E continuava: "Não, meu querido, ele a mim nunca se há-de fazer, eu num sou quem ele julga!... O que ele quer é levá-las para a borda do

rio!... Tu és a coisa que eu mais amo neste mundo, apesar do meu pai num gostar da tua cara. Diz ele que as tuas bentas nunca lhe agradaram... Eu pouco me importo! Quem há-de casar um dia contigo sou eu e não ele! Num é verdade?!..."

A conversa desta personagem continuou por mais uns bons minutos. Quase acabei por me sentir mal com a sua inconfidência e o desplante da sua indiscrição. Não sei se movida pela novidade que encostava no ouvido, se emocionada pelo teor da conversa que mantinha. Só sei que me acabou por enfastiar. Até porque isto se passava no interior dum local público de recreação e consumo. Mas, espante-se o leitor, ainda acabei por ouvir: "Olha, vou desligar um instantinho. Tou aqui a apertar as pernas com vontade... Vou ali à casa de banho e ligo-te já de lá".

Só espero que a rapariga não tenha comido de véspera um feijoada apurada, regada com uma qualquer bebida gasificada. Sei apenas que só com grande dificuldade se arrastou até ao local do prometido contacto.

«Tino», a voz dos autarcas calados

No início deste mês, no decorrer do congresso do Partido Socialista, realizado no Coliseu dos Recreios de Lisboa, a determinada altura subiu à tribuna, não para apresentar qualquer moção ou estratégia política ao partido, mas, tão só, para "deitar faladura" e dizer de sua justiça, como qualquer outro congressista consagrado ali presente, uma figura no mínimo curiosa, e sem dúvida, diferente daquelas que todos os dias nos fustigam com palavreado e rebolam sedução, para na próxima recolha eleitoral contarem com o nosso precioso voto.

O congressista de que quero falar poderá chamar-se Justino, Altino, Clementino, Florentino, Albertino... não sei! Sei que lhe chamaram, apenas, Tino. O seu pai poderá ter o nome de António, Joaquim ou qualquer outro; também não consegui saber. Sei que a sua mãe é a Dona Gertrudes, e teve direito a um beijo repenicado que do alto do "falante" lhe enviou o seu afamado filho, através das câmaras de televisão e em directo. Também não sei se são dois irmãos ou mais. O único que o Tino mencionou chama-se Necas.

Bem, agora que o agregado familiar está, mais ou menos, apresentado, vamos falar da intervenção do jovem e autarca.

O Tino, Presidente da Junta de Freguesia de Rans, concelho de Penafiel, começou por, em breves palavras, contar como tudo aconteceu até à sua entrada no "mundo fan-

tástico do poder". O Necas, seu referido irmão, via nele a pessoa ideal para liderar aquela Junta de Freguesia, não só pelos seus dotes de orador, como também pela sua capacidade para liderar. Por isso, convenceu-o a candidatar-se ao cargo, apesar dos temores da mãe Gertrudes, que não via com bons olhos aquele salto qualitativo do filho. A verdade é que tudo se conciliou: ele candidatou-se, a mãe conformou-se e ele venceu. Até parece fácil ser presidente de Junta!... De seguida, o Tino afirmou que a partir daquele momento, o nome da sua terra passaria, inevitavelmente, a constar do mapa de Portugal e, em discurso contínuo, afirmou ser o orgulho da sua terra, o "cartaz" de todos os ransenses perante todo o país. Borrifou-se, literalmente, na modéstia! *Eu sou bom, o melhor e mais forte da freguesia,* e pronto! Depois, porque ele próprio disse que merecia, foi dar um abanado abraço no secretário-geral, António Guterres. Para a sua oratória estavam destinados três minutos, mas como foi interrompida por oito minutos de palmas e gargalhadas, permaneceu onze minutos naquele *altar de ilustres*. O Tino mais nada disse. Mais nada tinha que dizer! Sempre assim foi!... Sempre assim será?!

Outros tempos, outras vantagens

Vivemos hoje, felizmente, numa sociedade aberta, plural (não sei porquê, mas já há muito que andava para empregar este termo!) e livre para dizermos o que nos dá na real gana e incentivada a fazermos o que nos passa pela penteada telha. Se nada mais dissesse, bastaria apreciar esta minha primeira frase, rica na ligeireza das expressões, para rapidamente chegarmos a essa conclusão. Quanto a mim, conto sempre com a consideração do director deste prestigiado jornal e a paciência dos seus leitores. Por isso, continuo. E agora de cara nova na foto.

Se, num esticão, nos gamam a carteira na via pública, imediatamente nos deslocamos a uma esquadra da polícia para podermos apresentar a respectiva queixa. Podemos aí relatar o sucedido da forma mais pormenorizada possível e, usando toda a nossa capacidade criativa, facilmente o transformamos numa verdadeira cena dum filme de acção, com o argumento bem melhor do que o de muitos programas de televisão que somos obrigados a gramar. Mais tarde, se no tribunal o Magistrado nos interrogar, podemos apresentar os suspeitos que muito bem entendermos, mesmo os de estimação, e esperar calmamente que o ladrão venha a sofrer de joanetes ou caimbras para deixar de poder correr e, consequentemente, deixar de roubar outras carteiras usando os mesmos métodos. Se o quiser fazer vai ter de criar novo estilo e seleccionar outras vítimas para os seus gamanços. O sacana vai ter, pelo menos,

de gastar alguns neurónios a pensar numa outra forma de meter a mão no alheio. Não há como uma praga para ajudar a dificultar-lhe a vida!... Podemos ainda, em alternativa, correr directamente a uma televisão contar a nossa desgraça e rapidamente nos transformamos em acusador, argumentista e actor; temos uma série de programas à nossa disposição. Só que aqui interessa tudo, menos o ladrão...

Nestes tempos de fácil acesso ao consumo, se numa grande superfície comercial uma discreta senhora se apresentar na caixa para pagar um qualquer produto sem o respectivo código de barras, todas as restantes pessoas que aguardam na *bicha* a sua vez ficarão a saber que essa senhora tem nas preferências do seu guarda-roupa cuecas de tons claros com ligeiras cornucópias na zona pudibunda, pois é em voz alta que a encarregada da caixa, levantando bem alto o produto, pede a uma assistente para lhe verificar o respectivo preço.

Já agora para terminar - já vão longas estas suposições - como não se sentirá o verdadeiro macho, de peito musculado e braços monstruosamente carnudos, ao exibir-se pelos tapetes de uma qualquer *passarele* de moda, se na manhã desse mesmo dia tiver sido submetido a um exame de rectoscopia?!

Sem dúvida que, cada vez mais, a vida nos toma o pulso à nossa débil existência e ao, sempre, discutido significado. Se não, pense!...

25 anos de Abril

Passado que está um quarto de século do dia que pôs fim ao regime de ditadura instalado no nosso país e que se manteve durante quarenta e oito anos, é hoje um dos momentos ideais para, mais do que nunca, o lembrarmos e exaltar todos aqueles que o provocaram; quer, fisicamente, com o apoio das armas, quer silenciosamente, com o romantismo das palavras de desagravo e a coragem das suas manifestações de inconformismo e protesto que, mais não fossem, eram uma boa forma de irritar e desgatar o regime e as suas políticas.

O fascismo acabou por cair de velho e carcomido. Sem a querer menosprezar, diria mesmo que a revolução foi apenas o grito que o fez tombar de susto. Ou, ainda, a maior ironia que o destino ofereceu aos poderosos do regime; pois se por um lado enviavam diariamente para África homens para combater em três frentes e manter o seu utópico império, cá sucumbiram perante algumas armas ostentando inofensivos cravos vermelhos! Por aqui se define bem a frágil e insustentável situação política do nosso país e do seu Presidente do Conselho, Marcelo Caetano.

Bem, agora que já proferi a minha modesta análise política ao momento ocorrido há vinte e cinco anos (se algum disparate me saltou, também tenho o direito de os disparar!...) queria hoje, passados que foram todos estes anos de liberdade, falar desta sensação de podermos dizer o que entendemos, sobre aquilo que nos merece reparo e,

principalmente, sem ter necessidade de esconder ou rendilhar as palavras com medo de estas se voltarem contra nós, como ricochete de pedra arremessada contra a parede de betão. Se a liberdade permitisse apenas isto, já era suficientemente grandiosa para ser desejada!

Falar hoje do 25 de Abril, da liberdade que ele nos ofereceu, da melhoria de vida que ele nos proporcionou, da igualdade a que ele, por bem, nos submeteu (há aqui ainda desvios, mas que não se culpe a revolução!...) é para mim e, naturalmente, para uma enormíssima maioria, um grande orgulho e um incontrolável momento de alegria. Esta enorme e nobre sensação só foi possível porque alguém num determinado dia gritou destemidamente "basta" e de assalto soprou as poeiras que durante décadas vinham cegando todo um povo, sem que os olhos pudesse esfregar, porque a perseguição os aterrorizava, o medo os demovia e a parca formação os tolhia e escondia da razão. Esse dia vai fazer neste mês vinte cinco anos e está cada vez mais vivo. Parabéns por isso!

A galinha e a aliança

Não tenho o hábito de me intrometer nos conflitos que ocorrem entre os meus vizinhos. Sempre procurei arredar-me, para não ter de tomar posição nos seus atritos ou divergências. Perder-me-ia no "disse, disse" tão frequente nas pequenas povoações... e nas grandes também!

Mas o caso que vou relatar, pela sua originalidade, aguçou-me de tal modo a curiosidade que, mesmo fazendo um grande esforço, não me consigo conter e de lhes contar. É bizarro, hão-de ver...

O bom relacionamento, a franqueza e o sentido de entre-ajuda, são elementos que convivem, desde sempre, entre os meus vizinhos; chora-se a dor sempre que o infortúnio escolhe qualquer uma das portas; reparte-se a alegria por tantos pedaços quantos corações permanecem inquietos de desejo... É uma espécie de ternura global.

Foi precisamente esta liberdade de convivência que levou a Maria, pela hora do jantar, à casa da Rosa para lhe pedir emprestados uns dois ou três ovos para estrelar. Tinha sido apanhada desprevenida, pois nunca foi de ter a dispensa vazia! A Rosa, mais uma vez vincando a sua franqueza, permitiu que a Maria se deslocasse ao espaço de concentração das galinhas para escolher os ovos que muito bem entendesse. Pediu-lhe, aproveitando a sua deslocação ao capoeiro, que lhe verificasse se as galinhas mais *afrangadas* estavam na eminência de pôr ovo (é uma prática comum de qualquer criadora de galinhas caseiras).

A Rosa fez imediatamente a verificação, introduzindo o dedo anelar no orifício rectal da primeira galinha, precisamente aquela que melhor qualidade de ovos produzia - pelo menos a julgar pelo tamanho. É aqui que começa toda a controversa história: a Rosa, ao retirar o dedo do respectivo orifício, deixou introduzido dentro da ave a aliança, símbolo do seu enlace matrimonial.

Passaram já vários dias sem que a galinha consiga libertar-se do objecto aprisionado no seu corpo. Foi, inclusivé, submetida a verificação veterinária, mas sem resultados favoráveis.

A Maria pretende rapidamente a sua aliança. A Rosa quer ver a sua galinha desimpedida, para não lhe interromper o ciclo de produção. Que fazer?, pergunta-se!...

A Glória, vizinha de ambas, para ver terminado este conflito, já lhes sugeriu o "Juiz decide" da televisão.

Porque não?!

O fado pode dizer-se: Amália

Hoje, sem qualquer falsa modéstia, não sei o que diga, por tanto ter que dizer... Falar de Amália, agora que a morte a quis calar definitivamente, é uma honra que sei que não mereço, até porque me faltam as palavras; porque só as mais nobres palavras sabem dizer o que foi, o que fez e o que soube ser Amália Rodrigues. Mas porque nobres são todas as palavras desta língua de trovadores e poetas, escolhê-las é como querer colher numa praia branca todas as areias que dão o tom claro ao areal.

Amália cantou e amou o fado, como o fado quer ser cantado e amado: com alma, sentimento e garra, porque se quer sentir cantando, e só o canta quem sente, só o eleva quem o levanta do chão. Amália fê-lo sempre. O fado soube sempre reconhecê-lo. Os poetas, tantos poetas, foram-no mais ainda quando os seus valores vibraram na garganta desta mulher portuguesa que agora se despediu da voz.

Recordar Amália é homenagear a simplicidade do povo que outrora lavou no rio, que Pedro Homem de Mello eternizou no seu poema e ela coloriu na sua voz; é mergulhar nos versos de Camões, e que ela soube sentir e respeitar; é lembrar Alfredo Marceneiro, e que ela soube ouvir e igualar; é querer Lisboa e Alfama sempre ao jeito que ela as quis *desenhar* e mostrar; é amar a voz de Portugal, e que ela sempre honrou e enalteceu mais ainda. Recordar Amália será ter sempre presente um pedaço de nós e da nossa memória, porque é ainda na nossa memória que a

nossa cultura sempre mergulha para aprender e se fortalecer. É, e sempre será, na nossa memória colectiva que, fragilmente, nos despimos para mergulhar e refrescar da ânsia que por vezes nos atropela e confunde, quando a vaidade por vezes nos invade. Recordar Amália será sempre honrar Portugal, a sua história, as suas gentes, a sua arte e sua originalidade moldada de simplicidade e afectos; é continuar a levar hoje nas caravelas de outrora os sonhos que sempre nos moveram e fizeram acreditar...

Agora que a voz de Amália se calou, calou-se um pouco a voz de Portugal; mas que voltará já amanhã a erguer-se, até porque iremos buscar à saudade de Amália o ânimo que voltará a fortalecer ainda mais a voz deste povo lusíada. E para que se eternize o fado que Amália chorou cantando!

A carga pronta e metida nos tractores...

Confesso que fiquei atónito e indignado ao ler no "Jornal de Notícias", num dos dias deste mês de São Martinho, uma notícia que em título dizia que a Câmara de Terras de Bouro não tem dinheiro para a aquisição dum modesto camião de lixo, dois tractores com reboque ecológicos e uns simples contentores para recolha de lixo, depois de lhe ter sido prometido, já lá vão dez anos, pelo Governo. Esta minha indignação não se prende ao facto da Câmara não dispor de tal verba (quero acreditar nessa indisponibilidade financeira), mas só não consigo compreender a razão porque, ainda, a não tem! Será que os nossos queridos governantes se esqueceram definitivamente deste concelho? Será que eles sabem que existimos?! Como, pelos vistos, esta esquizofrenia dura há já dez anos e, se bem me lembro, destes dez, seis deles foram da cor política que este concelho ostenta há mais de duas décadas, é motivo para dizer: ah, ingratidão! Será que teremos, agora, de sair à praça para ajudar a autarquia a reivindicar os tais equipamentos, de forma a acabar com esta surrealista situação?! Acreditem que, por isto, pego também eu num megafone e presto-me, mesmo, a enfiar na carola um saco de plástico preto, comprado a expensas minhas numa qualquer tabanca.

Uns não querem o lixo devidamente tratado e por isso reclamam, nós apenas o queremos "empacotado" para não ter de o ver transportado em desengonçados e caquéticos

tractores, ainda a salpicar restos liquefeitos pelo chão e o pungente odor pelo ar, e depois incinerado numa desprovida valeta, com a mais ancestral tecnologia de incineração: o fósforo. Antes desta, que eu saiba, só a usada na Idade da Pedra.

Se hoje o Presidente da Câmara tem de se deslocar a Zamora, em Espanha, lembrar à ex-ministra portuguesa do Ambiente que o Governo socialista deve honrar os compromissos assumidos pelo ex-Governo social democrata, há, pelo menos, cinco ou seis anos bastaria uma simples visita à capital da República, pois creio que a boa convivência política e partidária o ajudaria a resolver este problema dum concelho que no seu perímetro detém, para além duma riqueza paisagística em toda a sua extensão, o "coração" do Parque Nacional da Peneda-Gerês, uma mancha florestal muito significante, os rios e cursos de águas dos mais puros do país, uma desertificação em massa da população - pela ausência de alternativa de emprego - e um futuro que passa, obrigatoriamente, pelas suas qualidades ambientais, até porque o turismo é uma das suas fortes hipóteses de oferta. Pouco interessa agora a cor de quem governa, mas a cor verde e limpa que, pelo menos, queremos continuar a preservar e mostrar. Por tudo isto, devo esclarecer que não escrevo a brincar... Falo a sério, muito a sério!

Uma história do meu Natal

Logo que o mês de Dezembro começava, o espírito de Natal começava também a palpitar desde logo no coração da criançada de toda a vila. Não chegava o dia da feira para se comprar as figurinhas de barro que iriam decorar, religiosamente, o Presépio. Havia sempre que renovar um rei mago, um pastor ou uma ovelha que se partira, apesar do muito cuidado com que se guardavam as imagens dos anos anteriores. Um rei ou um São José chegavam a custar dez escudos; mas nada que uma choradinha à mãe não resolvesse a despesa. Começava também a pensar-se no melhor sítio para se colher o musgo com que se cobria todo o espaço do Presépio. O Bosco e o Evaristo sabiam sempre guardar em segredo aquele penhasco que no ano anterior os tinham fornecido (parece que era lá para os lados do Passal). O Fernando e o Lilo socorriam-se sempre dos beirais do Campo do Rio, cuja fartura da colheita dava ainda para fornecer o Gil e o Mário Paulo.

O Quim da padaria, porque só depois da chegada de férias do Seminário começava a tratar dos seus arranjos natalícios, incumbia o Adérito de lhe fazer a colheita lá para os lados de Moimenta-a-Nova (este chegou a confidenciar que o lugar onde se abastecia de musgo ficava perto da Casa da Ponte, mas ao certo nunca quis revelar).

Naquele ano o esmero na feitura do Presépio tinha de ser mais apurado; o padre iria dar um prémio ao que me-

lhor fosse apresentado. Chegou mesmo a comentar-se - e foi mesmo a Rosinha do Melo que na aula de catequese deixou fugir, sem querer, a informação - que seriam cem escudos para o primeiro classificado, um caderno de argolas com o Joaquim Agostinho na capa para o segundo e uma pasta de chocolate vaquinha para o terceiro.

Logo que esta informação se propagou, o nervosismo começou a fervilhar em todos os potenciais concorrentes. Nesse ano, até o Carlos da Irene prometeu fazer também o seu Presépio em parceria com o irmão Lino. O Vitor da Ana, porque de todos era o mais novo e por isso o mais irreverente, antecipou desde logo a sua vitória, até porque iria pedir ao Carlos da Armandina para o ajudar a fazer o seu. Quem não gostou de ouvir esta presunção foi o irmão, que quase lhe acertou um estabefe, não fosse a pronta intervenção do Nelson do Cabo, visto a conversa se passar mesmo em frente à alfaiataria do Sr. Esmeraldo Correia, onde aquele estendia os primeiros alinhavos. Logo que a feira chegou, a corrida à tenda da louceira foi logo pela manhã bem cedinho; uns compraram novas imagens, outros aproveitaram para trocar uma que não tinham mantido do ano anterior nas melhores condições. O certo é que todos ficaram servidos de forma a que não fosse por aquele motivo que não apresentariam o melhor Presépio de toda a vila.

No dia seguinte, todos se precipitaram a procurar e

recolher o musgo mais verde e em maiores e mais vistosas pastas. Uns publicitavam a forma como iriam engendrar a estrutura do seu Presépio, outros guardavam só para si as ideias que os iriam ajudar a conquistar a vitória. Com muito ciúmes à mistura, cada um ouvia com a atenção as ideias que saltavam aqui e ali para o meio da conversa. O nervosismo era visível em todos os olhares e comentários...

No dia em que os seus Presépios iriam ser apreciados e avaliados, toda a criançada se reuniu no largo da Capela de São Brás à espera da chegada do padre Faria, para que iniciasse a visita. Nesses instantes de inquietação, começaram a sentir que o espírito que os moviam não era, de forma alguma, o mesmo dos anos anteriores: o Fernando não tinha partilhado o mesmo cesto com o musgo do Lilo; o Evaristo não tinha ido com o Bosco ao Passal, como sempre o tinha feito; o Gil não tinha feito Presépio porque não tinha recolhido o musgo para o decorar e apenas improvisou uma pequena Árvore de Natal; o Mário tinha ouvido das boas da madrinha Teresa por ter obrigado a prima Lindinha a colher o seu musgo, e mesmo assim não ter sido grande especialidade; o Adérito desta vez não foi quem, como era habitual, colheu o musgo para o Quim; o Domingos não pôde contar com ajuda do pai, pois naquele ano ele estava embarcado e não iria passar o Natal junto da família; o Vitor não contou com a ajuda do Carlos (este, já de outra geração, não poupava cuidados em tudo quanto

punha as mãos), até para não obter qualquer vantagem em relação aos outros. Enfim, aos poucos o desânimo de todos se apoderou, como se uma nuvem oca e fria os tivesse envolvido... Não sentiram os seus olhares a cruzar entre si com o brilho de outros dias!

Antes que o padre chegasse ao local, onde esperava encontrar a criançada em ansiedade, já todos tinham combinado entre si que lhe iriam sugerir que os seus Presépios não fossem motivo de qualquer avaliação e que o prémio em dinheiro, destinado ao primeiro classificado, fosse para comprar uma grande estrela forrada a papel brilhante e que seriam eles a colocá-la bem perto do Menino Jesus durante a noite de consoada. Quanto ao chocolate e à pasta de argolas, sugeriram que os oferecesse a uma qualquer criança que nada tivesse de presente naquele Natal.

Aquele Natal, assim, voltou a ser o Natal que aquelas crianças sempre quiseram e souberam fazer...

Doutores da pinga

Como se já não bastasse os portugueses serem uns dos maiores consumidores de bebidas alcoólicas do mundo, agora parece que vão ter uma Universidade do Vinho. O lugar pensado para a instalação de tão importante estabelecimento superior de ensino foi a vila ribatejana de Alpiarça.

Se até agora, sem qualquer formação na matéria, já somos exímios na apreciação da pinga, depois, com uma licenciatura na dita Universidade, vai ser do bom e do bonito!...

Esta ideia, quanto a mim, deve ter sido inspirada nas inúmeras "queimas de fitas", cujo consumo de bebidas alcoólicas é feito sem qualquer regra ou apoio pedagógico e por isso nada condizente com a condição de futuros doutores dos seus consumidores. Talvez por isso alguém teve a inspirada ideia de pensar em formar verdadeiros apreciadores, para que não aconteça o que até agora tem sido uma verdadeira desbunda da copofonia, que acaba quase sempre numa ressaca *de pé p'rá cova*. Sem dúvida que era uma situação insustentável e que alguém um dia teria que solucionar.

A questão que agora se levanta é saber se dentro dessa Universidade irão surgir faculdades para formar especialistas nas várias espécies da pinga. Por exemplo: as faculdades do vinho branco, do tinto, do maduro, do verde, do rosé, do moscatel, do palhete ou da água-pé. Suponho, até

porque isto deve estar a ser detalhadamente pensado e planificado, que assim será. Até porque quando alguém se lança numa ideia pioneira como esta, tem o dever de nada deixar sem ser meticulosamente pensada e com todo o rigor que merece.

Outra pergunta que se coloca é saber se este tipo de ensino será apenas controlado pelo Estado, ou será aberto também à iniciativa privada. Creio que no futuro, naturalmente, a livre concorrência deste tipo de ensino será um facto, e aí, sim, teremos espalhadas por todo o país as Universidades ou Faculdades do apreciado néctar da uva. Parece que já estou a ver: o *Instituto Superior da Aguardente de Ronquinhos da Serra* ou a *Escola Politécnica da Jeropiga de Agrunheiras do Mar*. Quando isso acontecer, poderemos afirmar que o sucesso da ideia está garantido. E então poderemos dizer com toda a legitimidade que somos os maiores e mais bem formados bebedores.

Por este andar, qualquer dia teremos, certamente, muitas outras Universidades a proliferar por este país fora. Já agora, porque não a do *Bacalhau* ou a da *Hortaliça*? Vamos esperar e ver...

Uma coisa parece estar garantida: vamos ter, a partir de agora, autênticos doutores e intelectuais da pinga.

Vivam os arrumadores de carros!

Ninguém acreditaria se algum actual condutor afirmasse que nunca se confrontou e deu mesmo uma moeda a um dos tantos, e já famosos, arrumadores de carros. Das duas uma: ou nunca parou numa cidade ou outro local urbano (o que é difícil), ou então conduz um carrinho de mão e não um verdadeiro automóvel, já que os movidos a quadrúpedes quase não existem e os poucos que restam não circulam por onde muito bem os seus donos, ou burro (salvo seja), entendem.

Durante um bom período de tempo quase não dormia só de pensar nesses tais arrumadores. Bastaria lembrar-me da maquia com que tive de me "coçar" para pagar a multa que a polícia me aplicou por estacionamento em local proibido e isso porque aceitei o lugar que um desses sacanas me sugeriu. E ainda lhe paguei duzentos paus por isso!

Enfim, o que lá vai, lá vai!

Hoje, passado algum tempo desse episódio menos agradável, começo a olhar de outra forma, e até com alguma simpatia para tais fulanos (Deus também perdoou a quem O matou). Mas justifico ainda: se tentar estacionar o meu automóvel num local onde eles não estejam é porque o estacionamento é proibido, ou então não existem parquímetros onde, em vez de uma, tenho de desembolsar uma data de moedas e ainda corro o risco de ter de condicionar a minha saída com a hora marcada no tal aparelho. Agora imaginem se a deslocação se deve a uma con-

sulta num centro hospitalar público, ou mesmo para tratar de uma qualquer burocracia! Bem, a multa é certa, e só por sorte não teremos a estimada viatura com as rodas dianteiras levantadas e rebocada da forma mais humilhante e impiedosa. E depois ainda pagamos o serviço como gente grande! *Mira!*, como diz um amigo eu.

Que raio custa dar cinquenta, cem, ou mesmo duzentos paus a um arrumador, se ganhamos com isso um lugar onde podemos ter o automóvel estacionadinho um dia inteiro sem nos preocuparmos com a hora a que poderemos regressar? E ainda podemos ficar certos de outra coisa: esse tipo, por uma simples moeda, de certeza que não nos vai gamar a antena ou o auto-rádio e não nos vai mijar nos pneus do carro! Agora, digam que não compensa! Só quero é que se cruzem comigo muitas vezes nos meus estacionamentos! Chamo-lhes um figo, ou melhor... um mealheiro.

Vou parar por aqui a escrita e dar uma vista-de-olhos no meu automóvel; na minha rua não há arrumadores!...

Ossos do ofício

Num dos dias desta semana, naturalmente daquela em que escrevo este pedacinho de parágrafos, surgiu no meu local de trabalho, um utente que nos solicitou um documento oficial, com carimbo e promessa de preparos pagos, cujo conteúdo nele pedido me embaçou e deixou mesmo perplexo. Pedia que se declarasse o valor artístico e a capacidade intelectual do peticionário, tal como outros já o tinham feito(!). Quando se lhe perguntou o fim de tal documento, respondeu, prontamente, que era para ser apresentado em tribunal ao Digm.º Delegado para que ele, depois de apreciação e já com "mão de lei", também lhe reconhecesse esses valores. Naturalmente que, de forma elegante e sem que fosse feito qualquer juízo à sua intenção, foi-lhe informado que aquele serviço público não poderia atender ao seu pedido, pois não era de sua competência o tipo de documento que pretendia. Frustada que estava a sua intenção, confessou-nos que ao dossier que preparou ao longo de tempos só lhe faltava mesmo esse tal documento e uma "declaração de perdão", passada pela Câmara Municipal, cujo teor não lhe quisemos perguntar, até porque não tínhamos rigorosamente nada a ver com os pedidos formais solicitados a outras entidades.

Talvez porque o tal senhor se sentisse alvo de um atendimento personalizado e extremamente correcto, e ouvida que fora a sua pretensão, apesar da impossibilidade dos serviços de a satisfazer, insistiu em nos mostrar um texto

elaborado e manuscrito por si, como última análise e conclusão, que acompanhará todo o processo a entregar ao tribunal. Apenas retive aquilo que, pela sua originalidade e aparente absurdo, me despertou mais a atenção. Rezavam assim aquelas alíneas, das quais vou extrair algumas palavras:

"RIGOR NA CONCLUSÃO DO BARÃO

Cheguei a uma conclusão: sou uma autoridade, um homem Rei com razão, cheio de poderes e de vontade (...), trago comigo o Apocalipse e não sou velho para o mundo (...);

COMARCA NO RESUMO DE CATEGORIA

Venho pelo tribunal propor lei (...), sou um Juíz de qualidade e dentro da lei mantenho o respeito (...) sou um sujeito feliz na mocidade, faço cumprir injustiças sobre eclesiásticos atiças!;

COBERTURA NO ARREMATE DA CURA

(...) penso salvar o mundo, dou apoio e procuro a chance de estado ao povo civil (...) Pois quero paz e guerra, sou artesão da serra e vivo para o povo que erra... Símbolo de cena.

Assinado: João P. C. e acordo de Deus."

Depois da leitura que teimou em proporcionar-nos, meteu na pasta toda a documentação e saiu; como que guardando a sua razão e a demência daqueles que de si só vão saber continuar a rir!...

Abençoado penico

O caso que vou relatar (e juro pela minha rica saúde que é completamente verdade) aconteceu já lá vão uns dez anos. Era eu então um dos elementos do Comando dos Bombeiros Voluntários de Terras de Bouro. Tinha, aliás, acabado de tirar o curso de comandante na Escola de Formação de Bombeiros, em Sintra. Passava, por isso, a deter maiores conhecimentos teóricos e práticos, exigidos a um quadro especial e com responsabilidades acrescidas.

Quero lembrar, antes de continuar com este relato, que aquela corporação, por ser ainda muito jovem e por isso muito carente de quaisquer meios de combate a incêndios, pouco mais tinha que dois carros equipados rudimentarmente e um pequenino espaço cedido pela autarquia como aquartelamento. Apenas os jovens voluntários tinham valia e o seu comando a necessária formação para os nortear. Hoje a realidade é completamente diferente e esta corporação já não anda em "bicos de pés" ao lado de ninguém; é grande como todas.

Mas, voltando à minha memória, o caso bizarro que me proponho contar foi assim: num domingo tórrido de Verão alguém informa os bombeiros de um incêndio a deflagrar numa mata lá para os lados de São Bento e que perto dele uma casa de habitação (temporariamente desabitada) estaria ameaçada pelo fogo. Rapidamente me desloquei para o velho jipe (com a caixa de velocidades a arranhar mais do que uma porta dum decrépito moinho) já

que a outra viatura tinha sido deslocada para outro incêndio na Serra do Gerês. Comigo íam mais dois voluntários. Chegados perto do local, verificámos que era impossível avançar com a viatura, até porque um pequeno riacho nos separava do incêndio. Em fracção de segundos e no tempo que corríamos para o *palco de operações*, tentei assimilar aquilo que aprendera na formação em Sintra, mas cada vez mais me frustrava, já que apenas segurava um malho de lona, já chamuscado pelo uso. Poucos instantes depois, no local, verificámos que o fogo atingira já o cume da casa, e dali até à casa completamente em chamas seria apenas uma questão de pouquíssimo tempo. Já quase em desespero, olhei para todos os lados à procura não sei bem de quê, mas a verdade é que ao fundo existia um tanque com água. Mas como fazer uso dela?!... Ao rondar a casa acabei por encontrar aquilo que poderia ajudar a aproveitar o valioso recurso ali tão perto: um penico de plástico de cor azul clara que, como bênção, se encontrava pendurado junto a uma porta lateral.

Sem qualquer demora pendurei-me na parede e à medida que o voluntário me transportava o penico com água colhida do tanque ia-o despejando sobre a madeira já em chamas. Depois de muita água lançada sobre as chamas, acabámos por eliminar o fogo e salvar a casa.

Foi anedótico, mas o que não seria sem o penico?!...

A culpa, ali, foi da cegonha!

Hoje, tenho motivos para me sentir satisfeito: o Sporting ganhou o campeonato de futebol, as trovoadas de Maio terminaram, a chuva parou e o sol voltou; é Domingo à noite e amanhã volto à rotina semanal. É este o meu espírito e até se pode concluir que não preciso de muito para me contentar! Antes assim que cego pela ambição, que se traduz muitas vezes numa total falta de respeito pelos outros. Bem, como não estou aqui para pregar a moralidade, vou mudar de assunto. Ficou pelo menos o registo da felicidade que me preenche o ego, pronto!

Há uns dias atrás, o centro e sul do país ficou às escuras. A mim, que gasto uma meia dúzia de velas de cera por ano para combater tais situações, isso não me disse absolutamente nada. Afinal, por estes lados a falta de luz é uma situação perfeitamente normal. Até pode parecer que estou a dizer um grande disparate, mas eu continuo a manter esse sentimento. Há-de dizer o leitor: *se achou normal a falta de luz em quase metade do país, porque fala então nisso?* Explico: quando me falta (nos falta) a luz ninguém nos passa rigorosamente cartucho (e essas falhas já vêm de há muito tempo); porquê, quando falhou a luz em outra parte do mesmo país, toda a gente falou, censurou, lamentou, praguejou e até insultou? O Governo veio pedir explicações, a EDP dar justificações e os técnicos foram aos postes procurar as causas que originaram essa falta. A televisão fez entrevistas, os jornais manchetes e as rádios

aproveitaram logo para preencher programas. Neste último caso, uma rádio lançou, via telefone, a pergunta que consistia: que fez durante o tempo em que a luz faltou? A *s'Maria* rezou, o tio Francisco das Galinheiras aproveitou para lembrar, com nostalgia, os tempos da sua criação (à luz da candeia), a Dona Clotilde Georgete Pestana de Freitas Albuquerque Belchior (o raio da mulher tinha um nome que nunca mais acabava) aproveitou para festejar de forma *sui géneris* o aniversário do filho, que em Setembro vai casar com a filha de um deputado *"foi giríssimo, quando o Zezé soprou as velas ficamos todos completamente às escuras. Foi mesmo o máximo, não acha!..."* e a menina Soraia Sara ficou presa com o namorado no elevador durante alguns minutos e ele aproveitou para lhe dar ali mesmo uns apalpões, *"foi diferente, muito romântico, diga lá?"*

Bem, pelos vistos, até foi porreiro, pode concluir-se. Também para mim (para nós) seria, se essa situação acontecesse uma vez de dez em dez anos, mas a verdade, por incrível que pareça, acontece sempre todos os anos, e basta uma trovoadazinha disparar, ou um ténue vento soprar. Por isso não compreendi tal algazarra e comentários.

Já agora, se não souberam, naquele caso a culpa foi de uma simpática cegonha que acampou num poste de alta-tensão não licenciado. Por aqui, a culpa continua a ser da EDP e de quem, devendo, não a responsabiliza.

E se fossem ordenar o raio que os parta?!

Repetidamente, tenho vindo a reflectir sobre a desertificação das nossas aldeias, da sensação de isolamento a que são submetidas as poucas pessoas que ainda vão ficando nelas. É, por agora, irreversível esse despejamento, até porque nos próximos tempos não se vislumbram quaisquer ofertas ou alternativas que fixem as pessoas nas suas terras de origem. Se até agora procuravam, com a emigração para países estrangeiros, a esperança de uma vida melhor, hoje fazem-no da mesma forma, mas preferindo as nossas próprias cidades mais a litoral do país. Bem, pelo menos é um sinal francamente mais positivo.

Actualmente já não é só apenas a necessidade de encontrar uma melhoria de vida - já que a pouca exploração agrícola rudimentar não basta para "alimentar" uma sobrevivência aceite nos tempos de hoje - que está a empurrar as pessoas para fora das suas terras. Para além desse mesmo motivo, está ainda a dificultar alguma permanência das pessoas nas suas terras e o regresso de algumas outras, o ordenamento disparatado do nosso território. Alguém se convenceu de que o interior do nosso país terá de ser, forçosamente o "Amazonas" de Portugal. Para isso anexam, riscam, transferem e inventam espaços, zonas e demarcações, ao sabor da frieza de um mapa, ou de rigores perfeitamente anedóticos e desprovidos de qualquer conhecimento de realidades sociais, costumes ancestrais e necessidades afectivas e, ainda o mais grave (estas mera-

mente académicas), de conceitos geográficos, ou regras elementares para o melhor aproveitamento de solos e espaços que até o mais leigo de todos os mortais identifica. Como por exemplo: ninguém planta um jardim na "borda" de um rio ou uma sementeira na crista de uma montanha e ninguém prende uma antena de televisão no esguio e tenro galho de uma árvore. Neste último caso, por três motivos: com a oscilação provocada pelo vento, a antena transmite um sinal defeituoso para a televisão; pode partir o galho; pode partir a antena e alguém que passe ainda leva com ela na cabeça!

Um pequeno exemplo deve bastar para ficarmos com a noção exacta daquilo que hoje está a acontecer com o actual ordenamento das nossas terras: um pequeno proprietário, com quatro filhos, consigo criados até à idade do casório, tem junto à sua casa-habitação, uma horta, uma gleba de terreno inculto e uma bouça de pinhal e mato. Pode dormir descansado, pois alguém se encarregou de lhe "arrumar" a propriedade. A matriz juntou toda a área descoberta num só artigo; o PDM (Plano Director Municipal) considerou uma parte reserva agrícola e outra parte zona verde e a bouça foi integrada na área de paisagem protegida. Ou seja, este senhor perdeu grande parte da autonomia do seu próprio património. Como consequência não pode fraccionar, construir ou escolher livremente o tipo de produto a semear ou a árvore a plantar. Enfim, pode

apenas olhar, cheirar e seguir, escrupulosamente conselhos. Quanto aos filhos, que até gostariam de voltar à aldeia que os criou e aos pais que os souberam fazer homens, podem perder as ilusões!... Não faltam lugares nas cidades próximas.

Quem sabe os pais saibam morrer sozinhos e de pé!

A morte saiu à praça

Queria começar por dizer que, tal como a grande maioria das pessoas, sou amigo dos animais e, sempre que posso, um defensor dos seus mais elementares direitos; eles, tal como nós, merecem uma vida digna e um tratamento respeitoso por parte de todos nós, seres racionais. Mas mentiria se afirmasse que não mato uma mosca, pois já matei uma série delas. Não sei se deveria, mas a verdade é que já esborrachei no chão, ou contra a parede, uns bons milhares desses indesejados insectos!...

Deve o leitor pensar: *o sol do Verão baralhou as ideias a este tipo, que raio de crónica nos vai apresentar ele?!* Pois muito bem, vou ao que me proponho.

Tal como há dois ou três anos atrás, voltou este ano a instalar-se a polémica pela morte dos touros em Barrancos. Os moralistas levantaram-se, os juristas puxaram pelos seus galões em debates televisivos, os políticos esgadanharam-se (como se nada mais interessante tivessem para fazer), a lei escondeu-se, a tradição manteve-se, os matadores engalanaram-se e os touros foram desta p'ra melhor, em plena praça improvisada. Foi assim, e sempre assim será!... Porque não mudam o disco?!

Eu até os entendo a todos... só não entendo é que eles não queiram entender que toda a gente os entende, tal como eu! Procura-se protagonismo, politiquices, níveis de audiência televisiva e tretices. Duvido que, todos eles, estejam preocupados se o touro morre ali, ou passadas algumas horas

ou dias. Eu até gostava que nunca morressem, mas se isso é inevitável, que morram logo nesse instante. Não sou apologista, neste caso, do sofrimento para lhes purificar o que quer que seja. Se a morte do animal traduzir o fim de uma dor inútil, que morra logo; quer seja trespassado por uma espada, baleado por uma metrelhadora ou injectado por qualquer produto letal. Era isso que eu queria para mim, acreditem!

O que me aborrece no meio de tudo isto é a hipocrisia... a evocação de valores, quando tantos males escondemos todos os dias nas palmas das mãos; como sabemos ser cegos e surdos cada vez que dobramos uma qualquer esquina, só porque nem sempre está alguém para nos ver e por isso nos é permitida a indiferença!...

As tradições podem até ser descabidas de razão, sem sentido, mas são tradições e tradições são um dos nossos patrimónios; a memória de um povo. Respeitem o povo, porque ele sempre soube respeitar os seus animais! Não lhes queiram dar lições. Que sabem vocês?!...

Por fim, queria alertar os defensores ou pseudo-defensores dos animais, para apreciarem o tamanho da lâmina da faca que rasga o coração do porco na sua morte tradicional; para verificarem o peso da ponta da moca do pau, usado numa corrida do galo; e se certificarem da parte do corpo da galinha que é rasgado pela faca para colher sangue para arroz de cabidela. Não me digam que também são objectores de consciência!...

Big Brother - A televisão, assim, está bem!

Meio país, consumidor de televisão, parece estar rendido ao Big Brother. Isto se tivermos em conta o nível de audiências que este programa parece ter merecido. Ultrapassou o mais célebre acontecimento que até então a televisão portuguesa deu cobertura. Motivo para perguntar: que raio se passa naquela casa pré-fabricada montada lá para os lados de Caneças?! Eu já consegui resposta, ou parte dela!

O povo andava cansado de bom cinema, de acesos debates políticos, de caprichados programas de entretenimento, de documentários formativos, de teatro e de outros programas culturais e por isso deixou de cuspir no canto superior direito da televisão para colar os "dot's" nos programas da SIC, mandou à fava os programas do Canal 1 e 2 e passou apenas a curtir a TVI. Agora sim, têm tudo aquilo que desejavam, concentrado num só programa: o Big Brother.

Logo que termina a janta, lá vai o povo a correr para a frente da televisão para não perder pitada do que se passa dentro da célebre casa: quantas vezes o Mário irá escarrar no lavatório ao lavar os dentes; quantos pontos negros tem a Marta na cara e se será agora que ela irá espremer aquele que lhe desfigura a ponta do nariz; se a Susana vai ou não chorar outra vez, se o Marco lhe reparar na celulite que ela ostenta nas nádegas; se o Zé Maria tropeça ou não no capoeiro ao deitar de comer às galinhas e fica todo

borradinho mesmo em frente a uma das câmaras; ou se o Telmo consegue dar uma apalpadela no traseiro da Célia.

Enfim, isto são apenas pedaços das muitas emoções que podem, a qualquer momento, ser oferecidas por aquele lote de *residentes*. Mais lá para o fim da noite, numa outra escapadela ao programa, já se poderá saber quem dorme com quem; se a Marta desta vez vai arfar de verdade, ao permitir algum atrevidote se enfiar na sua cama e lhe trincar um joanete, encostar um joelho na coluna vertebral, ou tentar uma beijoca numa das clavículas; se a Sónia lê uma revista, rói as unhas, ou assobia, quando sentada na sanita e no seu último refúgio, satisfaz as necessidades fisiológicas; e se sentados no sofá vermelho da sala, irão combinar quem vai descascar as batatas para o próximo almoço.

Chegada a terça-feira o programa atinge o rubro quando, um a um, os artistas do improviso, no confessionário, vão nomear o colega que irá às lascas na semana seguinte e dizer adeus às *vinte mil mocas*, mas em contra-partida ganhar lugar de comentador residente no programa da Teresa Guilherme e passar (como esta diz) a vedeta nacional.

Melhor do que isto só mesmo o Alberto João a dançar o bailinho da Madeira, disfarçado de Pauliteiro de Miranda, ou os trezentos e cinquenta beijos distribuídos pelo Paulo Portas no Mercado do Bolhão em apenas três quartos de hora!

Já agora, falemos de política

Nos últimos dias, a política tem sido motivo de muitos discursos, conversas, programas televisivos e mesmo (e porque não) cosquices desopiladoras do fígado.

Lá por fora foram as eleições para a presidência dos Estados Unidos; na capital do nosso país, a aprovação do Orçamento de Estado; e por cá, neste cantinho do Minho que roça as costas nas terras de Espanha, são os primeiros ingredientes a serem cozinhados para as eleições autárquicas (porque por cá também se pode, e deveria, falar de política).

Vou tentar falar um pouquinho destes três assuntos. Quem sabe saiba algo dizer, mesmo que aparentemente nada diga. Enfim, por tentar nada se perde.

Quanto às eleições nos Estados Unidos vou pouco ou nada dizer. Também pouco ou nada merece falar de umas eleições que ao fim de uma data de dias ainda se não sabia quem ganhou: se os democratas ou republicanos; se na Florida o "Colégio" deu os votos ao Al Gore ou ao W. Bush; se os furos no cartão reflectiram a vontade de quem votou, ou foi uma autêntica armadilha eleitoral? Esta prática de votar é no mínimo de fazer rir! A mim fez-me lembrar quando em criança furava num cartão na mercearia para ganhar um lápis ou um pacote de baunilha! Os americanos devem prometer uma coisa: não se oferecer nunca mais para fiscalizar eleições em outros países, mas comecem, sim, a estudar uma nova fórmula para as suas, de

forma a que os seus resultados se conheçam, pelo menos, em dois ou três dias. Cá neste país, que muitos deles nem conhecem, encontram-se os resultados trinta segundos após fecharem as urnas.

O deputado e presidente da Câmara de Ponte de Lima, Daniel Campelo, sem meias medidas (foram oito e bem medidas) fez passar o Orçamento de Estado. Há muitos que, hipocritamente, o censuram; há ainda mais quem, silenciosamente, o aplauda. Eu, para ser franco, rendo-lhe a minha simpatia pela sua atitude. As artimanhas políticas, com consequentes práticas regimentais, não podem estar acima da consciência dos homens e, muito menos, quando estas traduzem as reais necessidades das populações que neles acreditam. Um político deve servir o povo e só depois ser mais uma acha engravatada na fogueira dos ensonados parlamentares. É fácil saber se o povo apreciou, ou não, a atitude do deputado. Esperem uns tempos!...

Por último (e os últimos podem ser, muitas vezes, os primeiros) um pouquinho de política local: ao fim de vinte e três anos, o presidente José Araújo diz querer deixar o seu lugar "aos mais novos". Bem, está a parecer-nos que não será deixar o lugar, mas sim legar o lugar, que é um pouco diferente!

Já agora, um aviso à restante "navegação": meter os pés pelas mãos pode provocar tropeções... andar de gatas!

Dez anos depois, o mesmo de sempre: parabéns!

Quando hoje me sentei em frente ao computador para uma vez mais soltar as palavras que preenchem regularmente este meu espaço, a que, pomposamente, chamo crónica, não tinha ainda pensado no tema em que me iria debruçar. Se um qualquer recorte lírico ou satírico, daqueles que nos embriaga a alma de doces sensações, ou nos faz verter o fel amargo que por vezes nos ulcera a garganta, ou então uma crítica formal ou "galhofeira" que despertasse no leitor um curto instante de reflexão, ou um ligeiro momento de boa disposição, mesmo que traduzido apenas numa barrigada de riso. Tudo isto seriam temas possíveis, e sei que apreciados pelos leitores (quem fala assim não é gago). Aproveito para felicitar os que ainda têm paciência para me ler; e cumprimentar, com vénia, os que nunca o fizeram. Azar deles, ou sorte a minha. Sei lá... e nem sei se quero saber! Se ainda não for desta, não correrei o risco dum torcicolo. Já agora aproveito para assinalar o quarto ano ininterrupto do meu *"Antes que o tinteiro entorne"*. Ou a mesa que o sustém está bem equilibrada, ou a pena tem mergulhado de manso; a verdade é que o raio do tinteiro ainda não tombou, dirá o leitor. Confesso que enquanto a voz me não doer, evitarei usar as palavras para soltar as minhas mais amargas razões. É uma questão de feitio. Motivo relevante para hoje algo dizer é o facto do "Geresão" festejar neste mês o seu décimo aniversário. É dele que vou agora falar, se é que terei palavras para traduzir

o quão importante é a data que este jornal assinala e o esforço e dedicação de quem desde a primeira hora e até hoje o sustentou. Tentarei, sabendo que não me é fácil.

Um projecto jornalístico nos moldes de um jornal regional é de manutenção extremamente difícil, porque não podendo suportar um conjunto de profissionais para regularmente recolher a informação e com ela o encher de conteúdo, não pode por isso ter a periodicidade que a avalanche de informação exige. Uma coisa que é notícia hoje deixa de ser dois ou três dias depois, até porque a imprensa diária e os outros meios de informação a consome imediatamente. Também a sua amplitude regional lhe "exige" uma preocupação direccionada para uma determinada região, o que implica naturalmente a redução dos seus potenciais leitores, assinantes e anunciantes. Se a tudo isto acrescentarmos a falta de atenção que este tipo de imprensa ainda vai merecendo das instâncias oficiais, nomeadamente na falta de apoios financeiros, é quase insuportável manter um jornal. Mesmo carregando todo este peso, o "Geresão" continua a chegar aos seus leitores no dia certo, mantendo ao longo de todos estes anos o seu conteúdo cuidado, rigoroso e livre. E sendo estas qualidades que sempre melhor o definiram, merecem aplausos os seus responsáveis. Manter um projecto assim é obra! E as obras, quando as são na realidade, perduram. Por isso, o "Geresão" ainda cá está. Parabéns!

E assim... acontece

Também eu chego a pensar que a televisão que hoje se faz está a percorrer um caminho que a levará em pouco tempo ao total deserto de qualidade, de valores éticos e culturais e, consequentemente, à sua total descrença e despromoção. Poderá, eventualmente, perdurar uns tempos mais, mas apenas como um vulgar e desqualificado meio de entretenimento, que qualquer espectáculo improvisado de rua facilmente superará. As banalidades que hoje se exploram (e começam já a ultrapassar os limites do aceitável) serão o principal condimento que a irá tornar inconsumível daqui a uns tempos. Para justificar esta antevisão catastrófica da televisão que hoje nos é oferecida bastaria reflectir sobre algumas situações do nosso próprio quotidiano: até a mais "cusca" das alminhas maldizentes da rua ou do bairro se cansa de vasculhar e tentar difamar um certo comportamento menos acostumado lá do sítio. Um dia virá que de tanto espreitar já não o quer ver, porque isso lhe deixou de aguçar a curiosidade e de tanto repetir a dieta que lhe alimentou a fraqueza do seu vazio dia-a-dia perdeu completamente o apetite. É uma situação que até fisicamente se explica: não há mal que sempre dure!...

Felizmente que nem tudo está ainda completamente mal; ainda há televisão com mais valia e gente que a faz com vontade, sabedoria e profissionalismo. E fazem-no sabendo que isso lhe pode custar uma menor visibilidade

e, consequentemente, um não mediatismo que se traduz muitas vezes num arredar dos grandes meios de promoção das suas imagens e na ausência de tudo que de "lucrativo" isso pode significar. Mas para essas pessoas os valores que defendem e insistem em manter são valores com dimensão inatingível se não forem de encontro ao que de mais sério e consistente se pode oferecer em televisão: a qualidade, desprendida de toda a frivolidade que a possa ferir.

Tive o privilégio de participar num dos programas onde se não respira o ar rarefeito do desqualificável e anedótico momento de televisão. Tive a honra de falar com um verdadeiro comunicador e genuíno condutor dum momento de altíssima qualidade em televisão; sem vaidades, sem disfarçados interesses, sem outro anseio que não seja o de querer acarinhar o que de verdadeiro interesse cultural se pode descobrir e mostrar do e ao nosso país. Entrei com receio de que a minha mensagem pudesse ser demasiado pequenina para ser apreciada por tal personalidade. Saí convicto de que, uma vez mais, Carlos Pinto Coelho soube honrar e, gostosamente, divulgar o nosso verdadeiro pulsar...

Podemos dizer que *assim... acontece*, realmente, televisão!

Da ponte para a eternidade

"As ondas do Rio Douro, ao luar, vêm cantando baixinho e que nas margens se ouvem bater com brandura e com carinho.../ Conta a lenda que um nobre mouro, à noitinha, a namorar com ninfas do Rio Douro, ao luar...".

Na mitologia grega, as ninfas - divindades femininas - presidiam aos rios e deles emergia, embalado nas suas ondas, o encanto das suas águas... Rasguem-se as lendas, apaguem-se os mitos, porque hoje já nada querem assim!... Os homens comandam tudo e tudo a eles pertence! Que pretensão imbecil esta dos homens!!!

Na cobertura mediática que se gerou em torno do acidente na ponte de Entre-os-Rios que abalou o país por vitimar dezenas de pessoas e semear a angústia em tantas famílias, muito se falou, pouco se disse, nada se esclareceu e algo se escondeu. Muitos foram os oportunistas, os disparates, as barbaridades e as camuflagens. Os políticos tiveram o bom-senso de se calarem ao segundo dia. Do mal o menos. Tirando este derrape, a classe política soube antever que a *emenda seria pior que o soneto* se tentassem retirar deste fatídico acidente qualquer dividendo político. Começam a ganhar maturidade. Já é bom! Não quero duvidar do respeito pelas consequências da tragédia que pesou nestes comportamentos, mas como na política tem valido tudo!...

Uma alta patente da Armada que assentou arraiais como comentador residente numa estação de televisão, ti-

nha acabado de dizer, puxando pelos seus conhecimentos técnicos, que seria impossível os corpos se encontrarem para além das águas do Rio Douro, quando logo uns instantes depois um repórter de exterior dessa mesma estação entra no "ar" para informar que dois corpos foram encontrados na costa norte da Galiza, a cerca de 300 quilómetros do Rio Douro. Mesmo assim esse oficial teimou em continuar a vomitar conhecimentos nos dias que se seguiram.

Ouvi por uma série de vezes comentadores de órgãos de informação chamarem ao Rio Douro assassino, responsável pelos afogamentos de dezenas de pessoas e culpado por dificultar as buscas dos desaparecidos. Ficou a impressão de que foi o rio que empurrou o autocarro e os automóveis para as suas águas e não foi a ponte que caiu; que foi o rio que auto se entapulhou e não foram os homens que ao longo do seu curso construíram barragens que o impediram de descer com toda a sua liberdade até ao mar! Porquê tão perpetrada inconsciência?!

Ouvi comentários de políticos, de entendidos, de sabichões, de curiosos, de mirones, de crianças e até de malcriados, mas não ouvi nenhum empresário do negócio da extracção de areias. Fugiram? Ficaram mudos? Não se conhecem?! Não foram capazes de lhes chegar à voz?!

Que descansem em Paz aqueles que ficaram, mesmo sepultados nas águas! Um dia virá que os homens irão voltar a querer acreditar nos mitos e nas lendas!...

Os "Zés" da nossa televisão

Agora sim, podemo-nos orgulhar das televisões que temos! Podemo-nos deliciar com aquilo que elas diariamente nos oferecem: o mais reles que algum dia se poderia imaginar. Custa acreditar que isto esteja a acontecer! Custa a acreditar que alguém com o mínimo de decência e no perfeito domínio da sua capacidade mental permita aqueles conteúdos na programação! E não pensem que sou facilmente impressionável; que me assusta o despudor ou algum excesso nas palavras. Apenas gostaria, e porque tenho direito a isso, de através da televisão colher algum conhecimento, saber o que se passa em meu redor e entreter-me por alguns instantes, até porque mereço essa descontração depois de um dia de trabalho; e porque para isso investi umas dezenas de contos num aparelho de televisão.

Antes de me sentar para rascunhar este texto, por três vezes tentei ver algo na televisão; por três vezes a televisão me decepcionou e me fez sentir horror dela. Na primeira tentativa, um telejornal exibia imagens do espectáculo deprimente dum tal "Zé Cabra", com direito a comentário eloquente pela *Voz Off* do programa. Deste "melro" voltarei a falar mais à frente. Numa outra tentativa e já noutro canal, numa sala armadilhada de câmaras de televisão, uma moça testava orgulhosamente um preservativo com sabor a uvas passas (ela lá sabia como lhe colheu o sabor!) num sexo plástico de dimensões *tipo cavalgadura*, enquanto enaltecia os prazeres que tal *engenho* lhe have-

ria de proporcionar. Por fim, na última das tentativas e num terceiro canal, um seminarista recolhido num retiro televisionado, num instante do recolhimento espiritual, esfregava as *partes baixas*, quem sabe perdido entre a sua vocação sacerdotal e o deslumbramento que lhe provoca o traseiro arrebitado da sua companheira de cela! Eram estes os momentos que qualquer cidadão ávido de conhecimentos poderia receber das três principais estações de televisão deste nosso país, cada vez mais perto do novo mundo das comunicações!

Voltando então ao Zé Cabra e para quem ainda não o conhece (o que será difícil) é a mais recente vedeta da canção nacional. Pode a televisão orgulhar-se de ter mostrado e promovido semelhante figurão: canta(?!) como uma cana rachada (mais parece um engasgado a pedir um soco nas costas para que lhe desimpeçam a garganta obstruída por um caroço de maçã) e veste de vermelho berrante com cornucópias prateadas na lapela, como se fosse o rei dum lixo qualquer que a televisão descobriu. E o pior é que o conseguiram convencer que é mais um verdadeiro artista! E agora lá vai enchendo os bolsos entre os arrotos bafejados a cerveja por tudo quando é festa de estudantada; é cartaz no programa da respeitada romaria provinciana e por este andar, haverá de poisar num qualquer "Olimpia" deste nosso respeitado país, no ano em que até somos capital europeia da cultura! Fica-nos bem!...

A morte fechou-a à chave

Nunca, como neste momento, me custou tanto dizer algo com as palavras. As palavras que quase sempre me traduzem o pensamento, me libertam num desabafo, me soltam no mais pueril dos desejos, ou me fascinam, porque me provocam o simples gosto de apenas com elas gostar de conviver. Hoje, só em pensar naquilo que quero dizer, prendem-se-me os dedos, arrefecem-se-me as mãos, todo o corpo parece querer imobilizar-me. É mesmo uma sensação estranha esta que sinto! E pior ainda, sabendo porque assim me sinto: uma criança morreu de fome e de sede, ali tão pertinho do pão, de toda a água do mundo!... Morreu no mais cruel silêncio dos seus gritos! E quando uma criança morre assim, morre um pouco toda a gente, ou deveria morrer!

Naturalmente que o leitor já identificou este drama e já, como eu, ficou atónito e aterrorizado quando a notícia, friamente, o surpreendeu; como o aço em lâmina que traiçoeiramente nos atinge pelas costas, rasgando a nossa indefesa!

Sem querer massacrar com o relato dos acontecimentos, até porque parte deles continuam no competente (?!) segredo das autoridades judiciais e na apodrecida vergonha da família, apenas os vou repetir de leve para quem, porventura, não tenha tido conhecimento deste macabro acontecimento: uma mulher portuguesa, a residir na Suíça, ao ser presa pelas autoridades policiais, deixou sozinha fechada em casa uma filha de dezesseis meses de idade. Só

doze dias depois, quando facilmente se abriram as portas da casa onde a criança permanecia, a encontraram abandonada e morta. Foi isto que aconteceu. Foi este o triste "fim" de uma criança esquecida que me deixou parado, imóvel e gélido!

Sem que nada se possa agora fazer pela criança, pois a morte já a não poderá devolver ao nosso convívio, poderemos, pelo menos, perguntar porque permitiram que isto acontecesse; porque tanta gente passou tão perto e não ouviu os gritos desesperados; porque ninguém soube impedir aquele sofrimento!... Quem irá pagar por tão cruel indiferença, por tão desprovido sentimento?!...

Esta menina, que morreu de fome e sede perto da frieza dos homens, alimentar-se-á no calor dos Céus. E por cá, entre os demónios que, como erva daninha, vão crescendo presos a paredes de cinzento frio, iremos ficar mudos, sempre que a fome e sede soubermos saciar!

Abram-se lá essas portas!

"Um espaço aberto à comunidade". Tem sido por todos publicitada essa filosofia, começando naturalmente pelos mais altos responsáveis do ensino. Ainda bem que assim é, pois dessa forma a escola consegue recolher para si todo um espólio importante, que passa pela generalidade dos pais, por diversos grupos sociais e, imprescindivelmente, pelas entidades políticas locais. A reunião de todos estes intervenientes, juntamente com todos os que de dentro dessa escola se movimentam, como sejam: a direcção, professores, restantes profissionais e alunos, fará com que as dificuldades que eventualmente surjam sejam mais facilmente superadas e as ideias, necessárias para uma cada vez melhor condução dos seus destinos, apareçam sempre em maior número. Será por isso elementar querer que essa abertura perdure e cada vez mais a escola se veja rodeada, em coesão, por todos aqueles que a querem e nela se revejam.

Se é verdade que para se receber terá necessariamente de se dar algo em troca, até por uma simples questão de franqueza, imprescíndivel a uma saudável convivência, seria bom que a tal comunidade residente para cá das portas da Escola Padre Martins Capela, de Terras de Bouro, soubesse qual o motivo que levou, há já dois meses e tal, toda a equipa directiva, à excepção da presidente, a se demitir. Quem sai de um lugar para o qual democraticamente foi eleito deve, pelo menos, dar uma satisfação a quem neles confiou - neste caso é mesmo uma questão de res-

peito pelos outros.

Uma boa escola traduz-se quase sempre numa boa educação/formação para os seus alunos, mas para que isso aconteça será necessário essa escola possuir uma competente, dinâmica, coesa e desprendida direcção. Se quanto aos dois primeiros adjectivos não pretendo fazer apreciações, pois poder-me-ia perder no meu desconhecimento, já quanto aos restantes poderei afirmar seguramente que esta direcção não é deles detentora; não cai quem está bem seguro e não tem que temer quem nada deve!

Sabe-se que (bem, pelo menos já se vai sabendo alguma coisa!) numa reunião entre a presidente da direcção, os elementos demissionários e um representante da Direcção Regional de Educação do Norte (DREN), ocorrida a meio do presente mês, se agendou uma nova eleição para dirigir os destinos da escola, porque se não conseguiu uma conciliação que permita a continuidade da direcção em funções. Nessa reunião, que no final foi estendida nuns mínguos minutos a toda a comunidade escolar residente, toda a gente, entrando muda saiu calada, à excepção do representante da DREN que pouco disse ao nada que lhe foi perguntado, ficou a comungar da sapiente convicta ignorância de Platão: "só sei que nada sei".

Será que nestas circunstâncias se deve mandar às malvas (aqui é mais "às favas") a comunidade, deixando-a na mais preciosa ignorância? A ver vamos!

América - ferida a 11 de Setembro

Aquilo que jamais algum americano sonhava um dia poder vir a acontecer, aconteceu de facto; por incrível que pareça e para tristeza de quase todo o mundo! As torres do World Trade Center (Centro de Comércio Mundial), que com os seus 110 andares e 417 metros de altura - pareciam querer atrever-se a roçar o Céu - e que mostravam, categoricamente, a imponência do poderio económico americano, bem como a grandiosidade da cidade de Nova Iorque, caíram como um castelo de cartas perante um acto suicida, perpetrado por um terrorismo traiçoeiro, frio e implacável. Como se não bastassem a morte, o terror e a humilhação provocadas pelos ataques com aviões dos próprios americanos, carregados de combustível, ainda o dia se ia levantando, minutos após, um terceiro avião, é lançado contra o sítio e símbolo da *Máquina de Guerra* da maior potência do mundo: o Pentágono, na capital do país que, com orgulho, ostenta o epíteto de *polícia do mundo*. Os americanos, e quase todos os outros cidadãos do planeta, jamais acreditariam que aquilo fosse possível derrubar?! Agora, depois deste terrível acto de terror, nada será como antes; os fortes e invencíveis terão a ter a humildade de reconhecer que o poderão não ser sempre. Infelizmente, os Estados Unidos sofreram agora a prova que poderá consolidar uma nova forma e consciência na sua defesa e na dos países que com eles repartem responsabilidades na Organização do Trabalho do Atlântico Norte - NATO.

Curioso foi o momento em que vi pela primeira vez na televisão os terríveis acontecimentos nos Estados Unidos. Tinha ligado o aparelho instantes depois de repreender o João - um menino a caminho dos dois anos - porque ele, na sua impertinente inocência, rasgava a capa dum livro da minha pequena biblioteca. Nada agora me faria evocar esse momento, e muito menos o achar curioso ou lhe dar qualquer relevo, se o livro não se intitulasse: "A Torre do Inferno"; se a capa não ilustrasse um incêndio no maior arranha-céus da América e do mundo e o seu conteúdo não relatasse o confronto do homem contra um dos seus maiores inimigos: o fogo! E sobre a construção deste edifício de que este livro fala, pode ler-se na introdução inicial parte duma entrevista do Reverendo Joe Willie Thomas que o editor seleccionou: "*... produto do egoísmo insaciável do homem, uma afronta aos deuses. Que se tenha investido tanto dinheiro na construção desta... desta monstruosidade enquanto a pobreza, sim, e até a fome, ainda se movem sobre a terra, é uma abominação! O castigo divino não poderá deixar de manifestar-se!*". Talvez apenas um desabafo neste reverendo, mas... era bom de vez em quando reflectir, ou pelo menos não abusar da nossa competência!...

Que Deus continue a abençoar os americanos e os ajude a superar a tragédia do dia 11 de Setembro. É bom que permaneçam fortes. É bom que continuemos livres.

Mais vale tarde...

Agora que vivemos um período de pré-campanha eleitoral, onde os candidatos se acusam e atropelam, onde tudo se promete e garante para melhorar e nada ficar como dantes, seria bom que, para além dos discursos incendiados, por vezes demagógicos e insensatos, outras vezes bonitos, bem artilhados e politicamente correctos, em alguns momentos, em vez do monocordismo - *porque um fará a ponte, o outro a ponte fará e o outro ainda já tinha dito que a faria* - pensem, prometam e se comprometam com as verdadeiras causas que afectam o concelho e com as formas para as solucionar.

Não sendo político ou *alistado*, estou liberto da carga demagógica, do rótulo de profeta, do epíteto de salvador do que quer que seja. Sendo um cidadão da terra, legitima-me a preocupação, o anseio da prosperidade, o bem-estar e salvaguarda dum futuro melhor para mim, para os meus e para todos. Como pessoa atenta e minimamente formada pelos anos que já cá ando, entendo que também eu, como porta-voz dos que se não querem ouvir, devo sugerir alguns passos importantes que terão de ser dados no concelho de Terras de Bouro num futuro muito próximo, para que se combata a desertificação e todas as consequências que dela advêm, nomeadamente a perda de capacidade reivindicativa (uns poucos fazem *ruído*), a desmotivação do investimento (a quem vender se não há quem compre?), a falência do emprego (onde trabalhar se

não há quem empregue?) e a própria perda da identidade cultural (longe dos olhos, longe do coração!...).

Naturalmente que a desertificação é um processo consequente da modernização dos tempos e isso não é fácil de vencer, mas nem por isso se poderá deixar de lutar. Por vezes, basta um pouquinho de atenção, sabedoria e determinação e as coisas poderão, pelo menos, acontecer mais devagar, muito devagar, ou mesmo ainda se inverter. Senão vejamos: se as pessoas não saírem todas, se algumas das que saíram voltarem e se as que cá se quiserem fixar o conseguirem, já é o primeiro passo para muitos outros passos prometedores. Bem, isto até parece fácil, mas não é nada impossível: faculte-se a construção, permita-se que a terra seja de quem por direito a mereceu e desenvolvam regras que salvaguardem, sem que castrem, o que de mais legítimo é do homem: o direito a viver e respirar no terrunho que sempre foi seu ou dos seus, que sempre quiseram e souberam apreciar, sem se recorrer ao tempo do *chapéu na mão*. E com isto se conseguirá gente, e com gente se faz mais gente, e gente chama mais outra gente!...

Agora, por fim, a fórmula que, sem ser mágica, poderá ajudar: 1.º - reavalie-se pontualmente a propriedade rústica no concelho em vigor desde 1990, isto se não for possível uma nova louvação - as terras foram autenticamente suturadas sob um critério que de forma alguma se poderia aplicar a um concelho onde desde tempos imemoriais pre-

dominou a pequena propriedade, aliás que a própria geografia falhou; 2.º - lute-se por medidas de excepção para o concelho à Lei do Loteamento Urbano, revista pela última vez em 1991 - aqui bastaria argumentar que a lei tal qual está vai despejar cada vez mais o concelho, despindo-o dos seus próprios nativos; 3.º - Reveja-se o PDM (Plano Director Municipal) - não podemos continuar a querer inventar jardins numa terra que toda ela o é; não podemos, querendo ser iguais, cometer o disparate de cada vez ficarmos mais diferentes para pior. Como se já não bastassem as regras dos que mais alto se levantam!...

Se esta batalha for vencida, estará aberta a possibilidade de aumentar de forma categórica a possibilidade de construção no concelho. E isso será muito bom. E era bom pensarem seriamente nisto!

Um país de borrachões, será que somos?!

O álcool é, sem dúvida, prejudicial à saúde. Toda a gente tem consciência desse facto. Mas também o são o tabaco, o açúcar, as gorduras, a pimenta, as correntes-de-ar, as alterações bruscas de temperatura, a água enquinada, os fumos tóxicos, entre outras tantas. Mas nem por isso se legisla contra os fumadores, os comedores, os gulosos, os desmazelados e muitos outros prevaricadores. Aqui, e só por isso, já existe incoerência. Valha-nos isso!, pelo menos ainda se pode ser alguma coisa neste pequeno país de costumes, até então, brandos! E era aqui que eu queria chegar. O radicalismo em muitas circunstâncias não é forma de combater o que quer que seja. Olhe-se para o que se passa nas terras onde ele ainda impera. Aqui até se poderá alterar o ditado: à mulher de César não basta parecer séria, é preciso que seja! Vou mudar de parágrafo e continuar o raciocínio.

A última alteração ao Código de Estrada, no que ao grau de alcoolémia no sangue admitido consagra, impõe ao condutor que não pode ultrapassar 0,2 miligramas. Ou seja, nem dois copos *tipo três* pode entornar quando regar o seu repasto; quer seja uma feijoada, um cozido à portuguesa, umas papas de sarrabulho, ou *bacalhau à Zé do Pipo*, um leitão à Bairrada, ou uma caldeirada de peixe, tudo da nossa deliciosa e farta gastronomia. Experimentem comer um destes *pratos* e não o reguem com três ou quatro copitos... e podem crer que mesmo assim não ultra-

passam os últimos 0,5 permitidos!

Prevenir para proteger é uma coisa, mas impor regras absurdas para, ao abrigo de uma determinação ou investigação vindas não sei de onde, meter a mão nos bolsos das pessoas, é outra completamente diferente. Pode parecer duro dizer e admitir, mas o nosso país assenta também parte da sua cultura na vinha, no vinho e em tudo que estes arrastam: até o seu alto consumo - Só porque a mulher segurou na mão no dia do enlace a flor de laranjeira a "obriga" a ter de descascar a laranja - será inevitável!... Ou então, deve perguntar-se por que razão sempre se enalteceu (e enaltece) as regiões demarcadas do Douro, do Dão, da Bairrada, do Alentejo, dos Vinhos Verdes, do Moscatel, etc?! Porque será que orgulhosamente sempre nos envaidecemos com o sucesso no mundo do nosso Vinho do Porto?! Criámos o *monstro* e agora querem combatê-lo numa simples alínea da Lei?! Podem mudar-se os tempos, as vontades (isso até se consegue com mais ou menos tempo), mas será que se mudam tão simplesmente os estômagos, os apetites, ou a nobre arte de bem comer e beber?! Eu não acredito.

Conduzir embriagado é terrível, pode matar, por isso terá de ser combatido e punido, mas será que um *grãozinho na asa* fará assim tão mal à condução e aos condutores?! Duvido. Haverão outros males e, certamente, outros remédios!...

E se desta vez não se festejasse o Natal?!

Vamos fazer de conta que este ano não haveria Natal. Sim, que por qualquer motivo este ano terminava a meio do mês de Dezembro e por isso o dia vinte e cinco era ultrapassado. Vamos supor que isto iria ser verdade!

Agora vamos imaginar as consequências; o que poderia acontecer e o que se poderia dizer. Bem, eu vou tentar ser o porta-voz do sentimento geral, naturalmente traduzido pela minha opinião, tendo como socalco a minha forma de olhar e sentir o Natal.

Se este ano não se festejasse o Natal, naturalmente que não se justificariam os presépios e por isso, ninguém teria necessidade de tomar de assalto o pinhal de ninguém para decapitar uma árvore em crescimento, ou fosse tentado a cortar numa reserva natural um galhinho de azevinho, do qual se teme a sua extinção. Se este ano não se festejasse o Natal, já não iríamos ouvir o Coro de Santo Amaro de Oeiras a cantar no *Natal dos Hospitais* a mesma canção de sempre, nem o Padre Pedro Pires Pisco de Pascoais iria ter de gastar o latim a contar aos meninos a história que estes já sabem de cor e salteado; não teríamos de estar três quartos de hora na fila da loja de brinquedos para embrulhar os presentes, que depois os vamos oferecer aos meninos, ficando os pais por serem os sumíticos e o Pai Natal um mãos-largas; logo ele que obriga as renazinhas a puxar num trenó uma bisarma daquelas e ainda carregado de embrulhos, num verdadeiro atentado aos

direitos dos animais.

Se este ano não se festejasse o Natal, as postas do bacalhau graúdo teriam de voltar à Noruega, pois não se justificaria comprar um bacalhau daqueles para desfiar numas pataniscas. E os doces e guloseimas, quem os comeria?! Talvez só os *gulosodependentes* e esses ainda não têm estatuto para reivindicar o que quer que seja!... Portanto, seria uma catástrofe para os fabricantes e uma bênção para os níveis de colesterol.

Se este ano não se festejasse o Natal, já ninguém iria passar um triste Natal a pensar na vitória que fugiu por um triz ao seu candidato favorito nas últimas eleições, logo nesta vez que gastou a buzina toda de tanto apitar!

Mas se este ano não se festejasse o Natal, eu ficaria desolado e triste. Mas não por deixar de ter alguma coisa que se compra ou recebe de oferta. Ficaria desolado e triste, porque perderia um dia que sempre me ofereceu um brilhozinho especial... e que desta vez queria partilhar com o meu menino!...

Desaparecidos algures na "nossa" Europa

Dois emigrantes portugueses da freguesia de Guilhofrei, Vieira do Minho, estão desaparecidos em França, onde trabalhavam, já lá vão oito meses e parece não haver forma de os encontrarem mortos ou vivos pelas autoridades francesas.

O caso envolto em contornos, aparentemente, criminosos, foi tornado mais visível no nosso país por uma estação de televisão portuguesa, que lhe dedicou mesmo um programa. Para além da conversa com familiares e amigos dos desaparecidos, foram ainda levados ao programa "Hora Extra" da SIC, para debater sobre o assunto, um dirigente dos serviços consulares e um jurista. Pelo debate ficou claro que a família está entregue à sua sorte e envolta numa enorme ansiedade e dor e as autoridades portuguesas, com excepção do edil vieirense, que logo no início do desaparecimento se colocou ao lado da família, parecem impotentes para fazer mais do que um contacto semanal telefónico para consolo das famílias.

Este tratamento pode revestir-se de um certo cuidado e preocupação da autoridade consular portuguesa em França, mas está longe de conseguir o que os familiares dos desaparecidos pretendem: uma resposta quanto à forma como estão a decorrer as investigações, em que posição se encontram as mesmas, que pessoas estão a ser ouvidas no processo e se a polícia especializada da Europa - Interpol - já foi chamada a intervir. Pelo que se depreendeu, a famí-

lia nunca foi ouvida pelas autoridades policiais e estas nunca demonstraram qualquer interesse nisso. Estranho, no mínimo!...

Nesta Europa de moeda igual, cotas exigidas nas produções, regras nas pescas e nos preços e outras tantas imposições a outros níveis, só não é cooperante, aberta e solidária no infortúnio e desgraça dos cidadãos comunitários, pelo menos neste caso. A prová-lo está a falta de comunicação de quem de direito em França com as famílias desaparecidas e sós em Portugal.

Liberto do complexo de pequenez, do qual muitas vezes nos querem (e nós admitimos!) fazer apresentar perante os "nossos amigos ricos" da Europa, será pertinente perguntar se os desaparecidos fossem cidadãos franceses e se os mesmos estivessem desaparecidos algures em Portugal o tratamento unilateral seria o mesmo? Duvido! E se a memória não me trai, até porque aconteceu num passado muito recente, quando uma criança inglesa foi abandonada pelos pais no Algarve, no dia seguinte toda a gente, de cá e de lá, correu para o Algarve, perguntou, procurou, exigiu... e isso resultou!

Outras gentes, outros poderes. E sempre assim será?!

Emigrantes, aquele abraço

Desta vez através deste espaço que mensalmente ocupo neste jornal, gostaria de privilegiar os leitores que se estendem pelas nossas comunidades espalhadas pelo mundo. E vou fazê-lo, não só por estar grato com as manifestações de afecto e incentivo que fui recebendo ao longo dos anos, mas também porque lhes reconheço, e muito aprecio, o apego, fidelidade e preocupação que sempre, mesmo distantes, quiseram, souberam e conseguem manter pelas suas terras e coisas delas, de onde um dia, em busca de alternativas de melhor vida, partiram, mas que jamais se afastaram. Sinto mesmo que apesar da distância estão muitas vezes mais perto daqui, e de tudo que aqui vai, ou não, acontecendo, do que nós, que sempre aqui permanecemos.

A atenção de uns - os de longe - contrasta com a cegueira de outros - os que por cá se vão comodamente encostando à doce e simpática pasmaceira!

Sei do apreciável trabalho, realizado a vários níveis, pelas Casas de Portugal, diversas associações culturais, recreativas e desportivas e uma ou outra infinidade de organizações com um diversificado conjunto de objectivos sócio-culturais, criadas, fomentadas e mantidas em notória actividade, por emigrantes portugueses nas regiões por onde se fixaram.

Sei, até porque tenho o cuidado de regularmente colher informações da vida de algumas dessas iniciativas, que é

já uma necessidade imprescíndivel a existência de organizações deste género, até para que a identidade portuguesa se não vá perdendo à medida que vão crescendo a segunda e terceira gerações de portugueses por esse mundo fora.

Esta preocupação espelha o orgulho e nobreza daqueles que, mesmo em terras que tudo lhes podem oferecer, não deixam de teimar em não esconder as suas raízes, tradições e laços de forte amizade por o terrunho onde nasceram e de onde um dia partiram. É esta gratidão que me comove e cada vez mais me orgulha deles.

A imagem de que os emigrantes portugueses são os "pedreiros de França", os "serventes da Suíça", ou os "merceeiros do Brasil", apesar de qualquer uma das actividades profissionais merecer a mesma dignidade do que qualquer outra - o trabalho nunca foi desonra - mesmo assim esse tempo já lá vai! Hoje, para além das suas responsabilidades laborais, estendidas por todos os ramos de actividade do mercado de trabalho dos diversos países, os emigrantes portugueses vão cimentando preocupações culturais, de intervenção sócio-política e mesmo disputando "cadeiras" de poder.

Como sempre, souberam crescer e aparecer! Mesmo longe... rompendo do pó do chão!

RTP - Crónica de uma morte desejada(?)

Antes de pegar no assunto que abordarei neste meu texto - a RTP e o serviço público de televisão - gostaria de dar a minha própria definição desse serviço. Naturalmente que nela estará implícito o serviço público, quer seja de uma televisão, de uma rádio, ou de qualquer outro organismo com essa responsabilidade e vocação.

Poderia facilmente começar por enumerar um conjunto de objectivos que deveriam ser atingidos, seriam mesmo uma infinidade deles!... Poderia também alinhar uma data de benefícios que o público, com o prestar desse serviço, usufruiria. Por fim, ainda daria para traduzir em saldo as vantagens para quem oferece esse serviço. Como não pretendo enfastiar ninguém com exaustivas descrições - até porque não lhes diria nada que já não saibam - vou apenas dizer que entendo por serviço público, aquele que nos serve, mesmo que dele não nos sirvamos. Acrescentaria que um serviço público terá de ser dirigido a todas as pessoas. Um serviço público não pode ser confundido com um serviço do público! Tem de haver, mesmo neste caso, quem ofereça e quem receba, indistintamente.

Bem, clarificada que está a minha posição na definição de serviço público, vou avançar para a questão particular da RTP e da polémica que hoje se levanta com a sua eventual restruturação, que passará pela extinção de um dos seus canais e concentração num único canal generalista, que se quer de verdadeiro serviço público de televisão. É

assim que os governantes têm falado e prometido.

Apreciadas as outras televisões e a programação que oferecem, porque hoje já é difícil falar na RTP e do seu futuro ignorando os canais privados, chego rapidamente a uma conclusão: antes pouco do que nada.

Claro que é pouco o que actualmente a RTP oferece com qualidade e dentro dos parâmetros exigidos pelo serviço público - pode e deve fazer mais - mas nos canais privados, se a qualidade é discutível, a utilidade ainda não convenceu! Destes poderia dizer-se com frontalidade que habilmente nos vendem a *banha* sem que nos mostrem, ou lhe exijamos que nos mostrem, se é mesmo *da cobra!*

Não faltaria mais nada que, depois de um "Big Brother" ou um "Masterplan", a futura RTP nos viesse agora entreter com um programa do género "Neste lugar solitário", que nos levaria imediatamente ao célebre recorte poético/sanitário... *onde a vaidade se acaba, todo o covarde faz força, todo o valente se...* Bem, fico por aqui, não vá eu cair na tentação de terminar a transcrição do poema. Ainda me tornariam famoso por ousar plagiar o anónimo poeta que se inspirou na solidão do seu mais íntimo esforço!...

Já os vi por muito menos... e, incrivelmente, quase todos os dias!

Pouca gente, poucos votos, pouco valem?!

Está na intenção do governo encerrar todas as escolas do primeiro ciclo (antigas primárias) com menos de dez alunos matriculados. Feita uma prospecção, serão quase duas mil em todo o país. Ou seja, o princípio do fim de uma boa parte das aldeias do interior do nosso território!

Se a desertificação do país tem vindo a aumentar de forma galopante nos últimos anos, devido à fuga das famílias em busca de melhor condição de vida, com a medida que se auncia ficará esse fenómeno, muito em breve, completamente concluído. Alguém terá dúvida de que uma aldeia sem uma escola deixa de o ser nesse momento? Uma escola, mesmo com poucas crianças a frequentá-la, é sempre a chama da esperança que se mantém acesa e a porta aberta para acolher quem nela teime em ficar, a ela regressar, ou, porque não, a procurarem para novas famílias se fixarem de novo. Hoje até mesmo as pequenas terras estão perto de quase tudo. Para justificar essa proximidade existem os telefones, a televisão, a internet. Poderá mesmo dizer-se que uma aldeia hoje é quase sempre a periferia de um local urbano, onde já quase nada falta. Já não se justifica dizer "coitadinhos", tão sós e distantes! Será mesmo burrice premeditada continuar a afinar por esse diapasão!

Manter, pelo menos, uma escola por freguesia é o mínimo que se poderá exigir para que essa terra se mantenha viva e não completamente esquecida dos centros de comando. É da responsabilidade do Estado salvaguardar essa

manutenção, aliás prevista na Constituição da República, no que aos direitos essenciais do cidadão concerne. Não fazer isso seria o mesmo que não cuidar mais das estradas por onde não passem mais de dez automóveis por dia; não verificar a qualidade da água nas fontes de reduzido consumo; não distribuir electricidade ou telefone onde o número de assinantes o não justifiquem.

No concelho de Terras de Bouro há um exemplo que contraria a tese de que os fins justificam os meios: nos transportes públicos colectivos, durante muitos anos apenas uma empresa de transportes servia parte do concelho. Nessa altura só meia dúzia de povoações eram servidas por eles. Houve uma outra que, não temendo o insucesso da sua oferta, se lançou à estrada por circuitos nunca dantes percorridos e conseguiu sucesso. Hoje é já uma "carreira" de preferência. Acreditaram, quiseram e por isso venceram!

Sabemos que hoje o nosso país não irá entrar em confronto militar com quem quer que seja, mas nem por isso se deixaram de policiar os quartéis, de comprar armamento, ou de reconhecer que as Forças Armadas precisavam de mais meios para manterem a dignidade, o respeito e toda a capacidade para responder, mesmo num hipotético e remoto momento! Aqui o Estado não ameaçou encerrar os quartéis e despedir os generais! É fácil ser forte com quem não tem força para os defrontar!...

Terras pequenas, pouca gente, poucos votos, pouco barulho. Pouco valem? Não valerão a porta aberta da escola?! Nem isso?!!!

As bodas e os convidados

Por média, entre os meses de Julho e Agosto, já sabia que teria de gramar com quatro ou cinco casórios. Agora o do primo, depois o do vizinho, logo a seguir o do filho do compadre e mais lá para bem dentro do tórrido Verão o dum qualquer afilhado do tio da mulher, que vem propositadamente do estrangeiro para fazer a boda. Era sempre assim, até já se tinha acostumado.

Este amigo confessou-me que nunca tivera coragem para dizer não. Compreendo o quão difícil é negar a presença num convívio destes; num tão nobre e singular momento. Mas juro que não me queria na pele deste convidado! Porra, logo eu que detesto comer tarde; pior ainda se tiver de esperar um tempo infindo pelas fotos de todos os convidados de braço dado aos noivos, encostado à tília do adro da Igreja. E, como se não bastasse, ter de gramar uma chinfrinada de talheres a bater nos pratos a pedir beijos: agora p'rós noivos, depois p'rós padrinhos, p'rós tios, p'rós primos, p'rós cunhados que vão casar no próximo Verão, p'rás moças e moços casadoiros, filados na beijoca na parceira(o) já há muito desejada. Enfim, uma beijoquice de bocas untadas de pudim, ainda a arrotar a vinho espumoso e entre a palitada nos dentes, para remover o entalado farfalho de bacalhau!

Que sejam muito felizes os pombinhos. Até posso fazer por eles uma oração para que Deus os abençoe e lhes dê muitos meninos, mas poupem-me o testemunho do en-

lace e principalmente a comezaina e algazarra que se segue!

Parece duro este repúdio à presença num casamento. Pode ser deselegante, ou mesmo grosseira, a forma como se justifica o não querer gostar do convite, mas depois de ouvir o lamento de alguém que ao longo de tantos anos se sujeitou, calado e amargurado, a alinhar nestas "romarias", não é motivo para menos! O homem soube bem justificar-me o seu calvário: compra um fato por temporada casamenteira; umas três ou quatro gravatas, para dar *ar de sua graça* ao fato que, inevitavelmente, tem de repetir; gasta uma pipa de massa para presentear os noivos; e ainda tem de comer bacalhau durante grande parte dos domingos de Verão. Isto já não falando na impossibilidade de poder dar uma fugidinha à praia para apanhar um pouco de sol, ou visitar um velho amigo, que já há muito tempo não vê. E tudo isto porque o desgraçado do homem está condenado a ir a tudo quanto é casório lá da terra e arredores!

Enquanto gente como este amigo continuar a engrossar, contrariados, as listas de convidados e não tiverem coragem para declinar o convite, irão continuar os carnavais de Verão e o bom negócio que hoje pode ser uma festa de casamento. Eu não aprecio; quer o oportunismo, quer a longa fila de carros a buzinar. Mas se assim continuar a ser, que se divirtam e sejam felizes!

Julgado de Paz - melhor que nada

Numa crónica desta mesma rubrica, assinada faz agora cinco anos, abordei a necessidade do concelho de Terras de Bouro ser dotado de uma estrutura judicial, que poderia ser uma secção de um dos tribunais vizinhos - Vieira do Minho, Amares ou Vila Verde. Alegava eu que, para além do benefício que a população passaria a usufruir, poderia ser o início da plena autonomia desta terra.

Um concelho, sendo na sua essência uma estrutura administrativa, só é completamente autónomo e funcional, se nele existirem os elementos básicos que apoiem e garantam com celeridade a resolução dos conflitos entre pessoas e interesses. A justiça, representada pelos tribunais, é de todas a fundamental.

Os Julgados de Paz, não sendo uma estrutura de justiça nova em Portugal (naturalmente com outras cambiantes), tinham sido adormecidos pelo desuso, pois durante muitos anos deixaram de existir, ao serem introduzidos os Tribunais de Primeira Instância.

Hoje, com a necessidade de combater o grande número de processos acumulados nos tribunais - e muitos deles de pouca revelância - o Ministério da Justiça quer, com a implantação dos Julgados de Paz, fazer uma espécie de triagem na entrada de processos, pois muitos deles não o chegarão a ser, se submetidos a uma mediação que termine em acordo entre as partes litigantes. Ficarão assim os tribunais libertos para com mais rapidez resolver casos de

maior complexidade.

Por o concelho de Terras de Bouro não possuir comarca própria e ser uma aspiração antiga consegui-la, o Ministério da Justiça, depois de lançar a experiência em Lisboa e Oliveira do Bairro, vai alargá-la também a este concelho. Naturalmente com finalidades diferentes: se em Lisboa e Oliveira do Bairro será para descongestionar os seus tribunais, aqui será para dotar o concelho com a almejada estrutura judicial. Naturalmente, com isso irá desafogar as comarcas vizinhas que servem o concelho.

A Directora-Geral dos Serviços Extrajudiciais já se deslocou ao concelho para apreciar as condições oferecidas pela Câmara Municipal, nomeadamente o espaço a ocupar por essa estrutura e muito em breve será assinado o protocolo entre a Câmara e o Ministério da Justiça.

Claro que é uma conquista para o concelho a vinda do Julgado de Paz. Mas é bom que não esqueçamos que iremos continuar sem comarca. Esperemos agora não ser eternamente a "peneira" dos três tribunais vizinhos e fiquemos vaidosos a lamber o pequenino rebuçado. Havemos de querer mais!

Cuidados e caldos de galinha!...

O terrorismo aí está, uma vez mais, sem rosto, implacável e mortífero. Depois de 11 de Setembro, em Nova Iorque, foi agora a vez de atacar na estância balnear de Bali, na Indonésia.

Este último ataque terrorista aconteceu na altura em que os americanos estudam a possibilidade - quase certa - de atacar o Iraque e o regime de Saddam. Não vou comentar as razões dos americanos. Quero acreditar que os move, tão só, a necessidade de travar e destruir o fabrico de armas de destruição maciça levado a cabo pelo regime de Saddam.

A comunidade internacional, na sua grande maioria, é de opinião que se deveria esperar pela visita ao Iraque dos inspectores da ONU e só depois do seu relatório se tomar a iniciativa de atacar e desarmar o Iraque, caso seja verdade a existência desse armamento. Mas parece que a ansiedade dos Estados Unidos não pode esperar. Saiba-se lá porquê!

Que os Estados Unidos, com a sua aliada Inglaterra, tomem sozinhos essa iniciativa o problema é deles. Têm, sem precisar de qualquer outro país, força militar e capacidade económica para o fazerem e, naturalmente, assumirem as consequências menos boas dessa guerra, ou merecerem o aplauso de agradecimento do mundo pela protecção que lhe garante. Ambos são fortes; ambos, são mais fortes que todos!

O que me surpreendeu foi a prontidão e coragem com que o nosso 1.º Ministro se colocou imediatamente ao lado dos Estados Unidos a dizer "esfole-se", quando o Presidente americano dizia "mate-se". Foi vistosa a sua coragem. Foi, sem dúvida, um gesto de solidariedade bonito de se ver. Mas será que oportuna, ou prudente? Será que temos *peito* para nos darmos ao luxo para tal atitude, mesmo não sendo condizente com o resto dos países europeus e do mundo? Não teria sido melhor emprestar essa solidariedade "numa só voz" europeia?

Que "o diabo seja surdo", mas levando muito a sério a possibilidade do Iraque estar, mesmo indirectamente, por detrás das acções terroristas perpetradas pela Al-Qaeda de Bin Laden, imagine-se que um dia, não podendo os terroristas atacar com prontidão interesses americanos ou ingleses, se lembram de lhes "bater" vingando-se nos que mais vulneráveis e indefesos, declaradamente, os apoiam?

Será bom lembrar que locais de afluência turística mundial, como a estância de Bali, temos o Algarve e a Madeira! E se algo nos acontece que leve os turistas a fugir em debandada do nosso país? Seria bom não esquecermos isso! O seguro morreu de velho!

Que amigos que não fomos!

Há quem diga que a política só é boa para se fazerem inimigos. Nem sempre é assim; também se fazem amigos, mais não seja os "de Peniche". Mas amizades conquistadas assim muitas vezes empanturram-nos, obrigam-nos a engolir... "sapos", e daqueles bem nutridos!

Ainda bem que me quero situado no grupo daqueles que nem procuram amigos na política, nem fazem inimigos por causa dela. Todos são bem vindos, se desprendidamente quiserem entrar, mas todos são livres para se *porem ao fresco*, se a convivência não os agradar. Uma porta é sempre de entrada e de saída. Aqui, creio que não restam dúvidas a ninguém!

Para que se viva em pleno respeito pelos nossos valores e consciência há que considerar e acarinhar os amigos, cimentando a cada dia esses laços de união, da mesma forma que se devem olhar e respeitar os inimigos, sabendo que estes, não nos merecendo afecto, merecem-nos, pelo menos, cuidados e atenção. São regras de convivência quase elementares.

Bem, vou deixar-me de intróitos, filosofias ou rodeios, até porque de boas palavras e intenções está o inferno cheio (e aí, o diabo que os ature) e vou directamente ao cerne do assunto que quero aflorar, naturalmente ocultando os nomes dos bois, por uma questão óbvia: o respeito que, independentemente das acções, toda a gente merece.

Uma crónica, não sendo notícia e querendo-se

intemporal e universalizada, pode, e deve, prescindir do detalhe.

Não me chateia o facto de existirem muitas falsas amizades, até porque elas são um pouco o reflexo da sociedade desvalorizada em que vivemos. Mas o que verdadeiramente mais me enfastia nesses pseudo-amigos - e amizades - é eles pensarem que ainda convencem alguém; que ainda alguém acredita nessas palermices, nessas desajeitadas formas de atirar areia aos olhos de quem os olha, convencidos que podem cegar alguém. "Valha-os Deus, valha!", diz o povo, já cansado de procurar nas algibeiras: "já dei para esse peditório!"

Não apreciando os métodos - muitos ancestrais - de por vezes se fazer política, ainda os vou admitindo a quem a imaginação não sobeja, mas a velhas glórias que durante tantos anos tiveram tempo de sobra para aprenderem outras formas mais criativas e colherem disso dividendos, fica-lhes mal engolirem um sapo tamanho... e ficarem convencidos de que não se lhes vê o papo na garganta!

Já que os não querem reconhecer - como não lhes ficaria mal - que se vão entretendo a aplaudir quem tanto os desgostou.

Como isso os vai arrefecendo!... Que os aconchegue o cobertor à lareira e os escritos poéticos, de quando em vez, do nobre e estimado autor!

O homem do saco dos sonhos

Todos os anos, pela véspera de Natal, aquele homem, já de longa idade, de barbas compridas, sobrancelhas fartas e cabelo esbranquiçado caído sobre os ombros, chegava à aldeia para oferecer presentes a toda a criançada. Nunca disse porque vinha, de onde vinha, nem como se chamava. Quando lhe perguntavam o nome, dizia que lhe poderiam chamar apenas o *homem do saco dos sonhos*. As crianças riam com o nome estranho que ele dizia gostar de ser apelidado e ele sorria ao ouvi-las repetir em coro o seu nome, enquanto lhes afagava o cabelo e as presenteava uma a uma.

De facto, sonhos era mesmo aquilo que ele carregava no saco, pois os presentes que distribuía iam sempre de encontro ao desejo de cada criança. Diziam elas que parecia *por magia* ele adivinhar qual a prenda que elas gostariam de receber, se afinal ele nem sequer era o Pai Natal, mas tão só um homem normal e que apenas o distinguia dos demais o seu persistente sorriso, o brilho que do seu olhar irradiava... e a ternura que soltava em cada gesto, em cada afago. Naquele momento, envolvidos numa cúmplice alegria, as crianças e ele construíam uma verdadeira muralha de afectos. E era assim todos os anos; todas as vezes que o homem lhes aparecia com o saco carregado de prendas!...

O homem não tinha dia certo para chegar, mas as crianças, até pelo repetir das suas visitas durante tantos anos,

sabiam que chegaria por volta do dia vinte de Dezembro - mais dia menos dia. E era vê-las ansiosas nessas madrugadas!... Levantavam-se logo pela manhãzinha e concentradas no largo da aldeia riam, corriam e saltavam como loucas. Era a felicidade que as envolvia, tal era a certeza de que o homem voltaria uma vez mais na véspera daquele Natal.

Enquanto esperavam, de faces rosadas e corpos transpirados, ensaiavam uma pequena cantiga que inventaram para que, também ele, por eles, fosse presenteado. Afinal, o peso do saco que ele com esforço carregava merecia uma contrapartida, mesmo singela, da parte delas. Por isso ensaiavam com insistência para que a canção fosse do seu agrado. Claro que sempre conseguiam oferecer-lhe a ternura e alegria que para tanto tinham caprichado para conseguir.

Na véspera do último Natal, uma vez mais o homem voltou. Uma vez mais encontrou as crianças ansiosas e alegres. Uma vez mais voltou no dia em que elas o esperavam. Mas desta vez chegou cansado, com o saco menos cheio e um olhar com menos brilho. Chegou, mas visivelmente agastado, doente, vergado pela sua muita idade. E as crianças, como que adivinhando a fragilidade do seu estado, insistiam em fazer uma festa ainda maior, em cantar afinadas a canção que uma vez mais lhe tinham preparada para o presentear. E, para espanto do homem, desta

vez as crianças, para além da canção, todas tinham para ele uns pequenos presentes: um cachecol, umas luvas de lã, umas ceroulas de flanela, uma samarra à alentejano... e um poema para lhe recitar, que começava por *"Bem vindo, amigo do saco dos sonhos..."*

Tinha chegado o momento de ser ele agora o centro das atenções. Era ele agora o presenteado, a criança... Como foi visível o seu contentamento!

Para a Anita porque me ouve e para o João porque me olha, estes poemas...

Hoje, meu amor

Hoje, meu amor
não vou olhar as estrelas
dilacerar a alma e clamar!
Não vou, meu amor
perder-me em sonhos... ansiar a Primavera.
Hoje, meu amor
não vou rogar ao Céu protecção
que me evoque e abençoe.
Hoje, meu amor
quero-me despido e leve
tal a semente lançada ao pó
numa estação qualquer
num qualquer dia desprevenido.
Hoje, meu amor
quero-me assim...
Quero-me só
naquela noite em que me deste
o mais intenso azul do Céu
o mais forte arfar do vento
o mais belo som do mar
a mais radiosa das flores
o mais eloquente poema...
Hoje, meu amor
vou saciar-me daquele mel do teu corpo
daquela noite de Abril...
daquela prenda que guardo!

Liberdade

Quero que tudo flutue...
o pó,
as pedras,
as folhas secas do chão.
Quero que tudo flutue...
o corpo inerte que dorme,
as cinzas que já não ardem,
os cristais frios de Inverno
que o Céu teima em soltar.
Quero que tudo flutue...
o anseio dos que esperam,
o sorriso dos que conquistam,
a ilusão dos que inventam,
a emoção dos que repartem.
Quero que tudo flutue...
mesmo que o ar rarefeito
me sufoque e me entonteça;
mesmo que o vento tudo desfaça!
Quero que tudo flutue...
para poder olhar...
e ficar assim uns instantes
prendido à minha liberdade!...

Índice

Biografia 5
À Guisa de Prefácio... 7
Já que me permitem 13
Sexta-feira, oito 15
Quem sai aos seus!... 17
As gravuras de Foz Côa 19
Bombeiros, vivam! 21
Era uma vez... uma escola e um menino 23
Ao Menino Jesus 25
Festa de S. Brás 27
E vamos cantando e rindo 29
Um decreto chamado desejo 31
Vilarinho da Furna, breves recordações 33
A falar quase sempre nos entendemos 35
Da "pimbalhada" ao Eurofestival 37
Filhos da fruta... amarga 39
O Verão, as festas e outras procissões 41
Bye Bye, Lady Di! 43
Uma aldeia só 45
Uma questão de justiça 47
Um conto de Natal 49
A saga dum homem prudente 51
Made in USA 53
Uma justa homenagem 55
Mirando las flores del campo 57
Mi liga, vai!... 59
Reforma do ensino? Vou ali e já volto! 61
A sombra do vira-latas 63
Telefone - onde o perigo se escuta 65
Inaugurações, condecorações e outras atenções 67
O velhote, a louca e eu 69
E a cidade aqui tão perto!... 71
Meu querido telemóvel 73
«Tino», a voz dos autarcas calados 75

Outros tempos, outras vantagens 77
25 anos de Abril 79
A galinha e a aliança 81
O fado pode dizer-se: Amália 83
A carga pronta e metida nos tractores... 85
Uma história do meu Natal 87
Doutores da pinga 91
Vivam os arrumadores de carros! 93
Ossos do ofício 95
Abençoado penico 97
A culpa, ali, foi da cegonha! 99
E se fossem ordenar o raio que os parta?! 101
A morte saiu à praça 104
Big Brother - A televisão, assim, está bem! 106
Já agora, falemos de política 108
Dez anos depois, o mesmo de sempre: parabéns! 110
E assim... acontece 112
Da ponte para a eternidade 114
Os "Zés" da nossa televisão 116
A morte fechou-se à chave 118
Abram-se lá essas portas! 120
América - ferida a 11 de Setembro 122
Mais vale tarde... 124
Um país de borrachões, será que somos?! 127
E se desta vez não se festejasse o Natal?! 129
Desaparecidos algures na "nossa" Europa 131
Emigrantes, aquele abraço 133
RTP - Crónica de uma morte desejada(?) 135
Pouca gente, poucos votos, pouco valem?! 137
As bodas e os convidados 140
Julgado de paz - melhor que nada 142
Cuidados e caldos de galinha!... 144
Que amigos que não fomos! 146
O homem do saco dos sonhos 148
Hoje, meu amor 153
Liberdade 155

Esta obra,
Antes que o tinteiro entorne,
foi composta, impressa e brochada
na Graficamares, Lda.

Redondelo - Besteiros - 4720-138 Amares
Telef. 253 992 735 / 253 995 297
E-mail:grafamares@clix.pt

Obras publicadas pela CALIDUM
- Clube de Autores Minhoto/Galaicos:

- *Esta Palavra Montanha* (poemas)
de Manuel Barreiro - Junho/99

- *Ao Pé da Terra* (crónicas)
de Pedro Leitão - Outubro/99

- *Rostos e Riscos* (poemas)
de Pedro Rocha - Abril/2000

- *El Xurés Y Sus Misterios* (histórico)
de José Lamela Baulista - Setembro/2000

- *Canções de Hoje e de Sempre* (letras e melodias)
de Manuel Afonso - Dezembro/2000

- *Caminho das Urzes* (poemas)
de Manuel Barreiro - Dezembro/2000

- *Vila do Gerês* (documental)
de Agostinho Moura - Junho/2001

- *Pondras de Pedras Soltas* (poemas)
de Henrique Barroso - Novembro/2001

- *Marés de Sentimento* (poemas)
de César Araújo - Novembro/2002

A publicar:

- *Sons de Baicas* (poemas)
de Noelia Rodriguez

- *O Salto da Esperança* (romance)
de Ricardo Gonçalves

- *O Piar da Coruja* (romance)
de João Luís Dias

- *Canções de Hoje e de Sempre - 2* (letras e melodias)
de Manuel Afonso

"(...) nas crónicas de João Luís Dias (...) não sabemos o que mais admirar: se a perspicácia e a pertinência dos temas e problemas nelas apresentados, se a graciosidade e o humor requintados, expostos em muitas delas ou o seu discurso burilado e inconfundível porque pisado e repisado no almofariz da estilística mais pura."

Agostinho Moura (do prefácio)